

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO**

**ENTRE(VISTA) ORIENTE E OCIDENTE: XINRAN XUE E REVISTA  
VEJA- DISCURSO CULTURAL VERSUS DISCURSO ECONÔMICO,  
EM COMUM ANTI COMUNISMO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2012**

**VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO**

**ENTRE(VISTA) ORIENTE E OCIDENTE: XINRAN XUE E REVISTA  
VEJA- DISCURSO CULTURAL VERSUS DISCURSO ECONÔMICO,  
EM COMUM ANTI COMUNISMO**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como Parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Moisés de Araújo Silva

**CAMPINA GRANDE**

**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

G182eu Galvão, Vanda Késsia Gomes .

Entre(vista) oriente e ocidente: Xinran Xue e Revista Veja – discurso cultural versus discurso econômico, em comum anti comunismo./ Vanda Késsia Gomes Galvão. – 2012.

64 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva, Departamento de Comunicação Social”.

1. Revolução cultural. 2. Discurso econômico 3. Discurso cultural. I. Título.

21. ed. CDD 335.434 5

VANDA KÉSSIA GOMES GALVÃO

ENTRE(VISTA) ORIENTE E OCIDENTE: XINRAN XUE E REVISTA VEJA-  
DISCURSO CULTURAL VERSUS DISCURSO ECONÔMICO, EM COMUM ANTI  
COMUNISMO

Aprovação: Campina Grande, 05 de 12 de 2012

1010  
DEZ

BANCA EXAMINADORA

*Moisés de Araújo Silva*

Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva (Orientador)

*Gisele Maria Sampaio de Araújo*

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Gisele Maria Sampaio de Araújo – 1º Membro da Banca

*Leonardo da Silva Alves*

Prof. Ms. Leonardo da Silva Alves – 2º Membro da Banca

Prof. Esp. Luiz Barbosa de Aguiar – Suplente

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia ao meu Pai, Valdério Pereira Galvão. (*In Memoriam*)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Mestre dos mestres, por me permitir saber que o temor a Ele é o princípio da sabedoria. Hoje eu sinto mais forte o que bem escreveu o apóstolo Paulo: “nEle vivemos, e nos movemos, e existimos”.

Ao Professor Moisés de Araújo Silva, pela excelência profissional demonstrada nesta orientação, e pela nobre amizade que construímos ao longo deste período em que trabalhamos juntos. Lembrarei com carinho de todo o seu apoio e paciência comigo, sobretudo pelos ‘atendimentos psicológicos’ em cada TPM minha que suportou (risos). O senhor é 10!

À minha vizinha Geraldina, pelo suporte que sempre deu aos meus pais, desde quando eu estava no ventre, para que eles pudessem me dar uma boa educação.

À minha mãe e as minhas irmãs, pelos sacrifícios, pelo amor, e pela bela família que são pra mim.

Ao meu futuro esposo Rodrigo, por sua entrega, compreensão e proteção direcionados a mim desde que nos conhecemos. Eu amo você.

Por fim, desejo agradecer aos professores que tive no Curso de Comunicação Social. Porque vocês me ensinaram a ‘colocar a mão na massa’, agora eu posso construir!

“A China é uma nova força política. A China é uma nova força econômica. E o alicerce da China é o seu povo”.

Xinran Xue

## RESUMO

A Revolução Cultural proletária da China foi um plano de governo do líder comunista Mao Tsé-Tung que durou de 1966 a 1976, e tinha como alvo eliminar a oposição ao regime maoista além de tornar a cultura chinesa totalmente revolucionária e sem influências estrangeiras. Neste contexto Xinran Xue viveu a sua infância, e após a abertura econômica da China durante a política de Deng Xiaoping, Xue tornou-se uma influente jornalista. Apresentadora do programa de rádio *Palavras na Brisa Noturna*, a jornalista colheu depoimentos que resultaram em livros, posteriormente censurados em seu país, uma vez que falavam sobre a Revolução numa abordagem que descrevia repressão e totalitarismo no comunismo chinês de Mao. Desta forma, a escritora que passa a morar na Inglaterra fica conhecida internacionalmente. Crítica também das políticas do governo vigente do então presidente chinês Hu Jintao, em sua estadia no Brasil no ano de 2009 Xinran concede entrevista à revista *Veja*, na qual ela aborda questões no contexto da Revolução Cultural e dos dias que ela foi entrevistada. O objetivo deste trabalho foi, portanto, através da teoria de Análise Discursiva Francesa, analisar os discursos presentes na entrevista. Constatamos que o periódico e a entrevistada concordam em alguns pontos, porém, Xue e *Veja* discordam acerca das necessidades mais urgentes da China. Vimos que o discurso econômico de *Veja* e o discurso Cultural de Xue tanto se entrecruzaram quanto foram divergentes.

**Palavras-chave:** Revolução Cultural; Discurso econômico; Discurso cultural.



## ABSTRACT

The Proletarian Cultural Revolution in China was a government plan of communist leader Mao Zedong, that lasted from 1966 to 1976, and was aimed to eliminate the opposition Maoist regime besides making Chinese culture totally revolutionary and without foreign influences. In this context Xinran Xue lived his childhood, and after the opening of China's economic policy during the Deng Xiaoping, Xue became an influential journalist. Presenter of the radio program Words on the Night Breeze, journalist gathered testimony that resulted in books later censored in their country since the Revolution spoke about an approach described repression and totalitarianism in Chinese communism of Mao. Thus, the writer who goes to live in England is known internationally. Also critical of the policies of the current government of the then Chinese President Hu Jintao, in their stay in Brazil in 2009 Xinran gives an interview to *Veja* magazine, in which she addresses issues in the context of the Cultural Revolution and the days she was interviewed. The objective of this study was, therefore, through the theory of French discourse analysis, analyzing the discourses present in the interview. We note that the journal and interviewed agree on some points, however, and Xue See disagree about the most urgent needs of China. We have seen that economic discourse and the discourse of View Cultural Xue crisscrossed as if both were divergent.

Keywords: Cultural Revolution; Discourse economic, Discourse cultural.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1. A REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA E A VEJA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1. A Revolução Cultural da China na História formal.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.1. O Grande Timoneiro – Ditador para inimigos e Camarada para revolucionários.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.2. As raízes do comunismo chinês e as causas que motivaram a Revolução Cultural.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.3. A Revolução Cultural.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2. A Revolução Cultural na história de Xinran Xue.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 A Revista Veja – O fenômeno da editora Abril.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 2. ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Ideologia.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.1. Condições de Produção – Reproduzidas e Transformadas.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.2. A ideologia tem ou não tem história?.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1.3. A Ideologia é mais real do que podemos “imaginar”.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1.4. A Interpelação ideológica.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2. O Discurso.....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.1. Formação Discursiva.....</b>	<b>35</b>
<b>2.2.2. Em busca da autoria do Discurso – Interdiscurso.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2.3. Condições de Produção do Discurso (CP).....</b>	<b>39</b>
<b>CAPÍTULO 3. ALÉM DO QUE ESTÁ ESCRITO.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1. Aspectos Metodológicos de análise.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1.2. O dito e o não-dito.....</b>	<b>42</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

A China que vemos em 2012 apresenta um grande progresso econômico, tendo inclusive a possibilidade de tornar-se nos próximos anos a maior economia do mundo, e desta forma, esta nação tem atraído o interesse de muitos países. Com a chegada do novo presidente Ji Jinping, em 2013 a China deve continuar a ser dirigida com os princípios da política comunista chinesa e prosseguir crescendo economicamente.

Compreendemos neste trabalho que os dez anos da Revolução Cultural chinesa de Mao Tsé-Tung tem um elo com este desenvolvimento, pois este período é um fator histórico que marcou a vida de muitos chineses que ainda estão vivos, a exemplo da jornalista e escritora Xinran Xue.

Com a intenção de vencer seus opositores e estabelecer uma nova cultura na China, Mao cria a Revolução Cultural e convoca os chineses a adotarem um novo estilo de vida. Aqueles que tinham raízes estrangeiras, capitalistas, nacionalistas, ou eram considerados inimigos do Partido, viveram em um regime político duro e opressor. Porém aqueles, sobretudo jovens e camponeses, que abraçaram a Revolução Cultural e compartilhavam do ideário comunista, acreditavam que a China precisava de tais mudanças.

Xinran Xue viveu a sua infância durante a Revolução Cultural e esteve do lado perseguido do período. Anos depois, adulta e formada em jornalismo, Xinran passa a ser apresentadora de um programa de rádio no qual ela recebia inúmeras cartas de mulheres chinesas que relatavam sofrimento e repressão em suas histórias. Descrevendo estes fatos em algumas obras, Xue fica conhecida mundialmente e, em visita ao Brasil concede entrevista à revista Veja, a qual será analisada em nosso trabalho.

Acreditamos que o tema abordado nesta monografia seja importante por causa da abordagem feita acerca da história da China e do próprio jornalismo. E neste viés jornalístico, vemos também a importância desse trabalho por causa da discussão sobre oriente e ocidente evocados na entrevista escolhida para análise.

Nosso interesse pelo assunto surgiu com o desejo de conhecer mais sobre a história da mulher Xinran que viveu longe da família na China comunista de Mao, e após formar-se em jornalismo usa sua profissão para mostrar um lado da Revolução que, segundo a escritora, não é discutido na China e nem muito conhecido no mundo.

E através da teoria de análise discursiva francesa tivemos como objetivo geral entender os discursos do diálogo entre Veja e Xue, compreendendo a construção de sentido que a revista e a jornalista chinesa evocam na entrevista ‘Vocês não entendem a China’, concedida por Xinran e publicada em 2009 pelo periódico. Saber qual discurso perpassa a Xinran Xue no que diz respeito à Revolução Cultural Chinesa, e conhecer qual discurso perpassa a revista Veja quando entrevista Xinran Xue, uma jornalista que escreveu sobre a Revolução Cultural, foram nossos objetivos específicos.

A revista e Xue se encontraram por causa do lançamento no Brasil do livro ‘Testemunhas da China’ da jornalista chinesa, que ficou conhecida, sobretudo, pelo que ela escrevia acerca da Revolução Cultural. Nesta ocasião em que a escritora falou à Veja, tanto a revolução quanto a política atual foram abordadas pela escritora.

No Primeiro Capítulo do nosso trabalho procuramos relatar como a Revolução Cultural Proletária Chinesa aconteceu, através da perspectiva da história formal. Abordamos ainda um pouco da vida de Mao Tsé-Tung, devido ao fato dele ter sido o líder responsável pela Revolução Comunista da China. Também mostramos como este período afetou a vida da escritora Xinran Xue e, uma vez que nossa análise é de uma entrevista divulgada pela Veja, trouxemos neste capítulo a história deste periódico brasileiro.

No Segundo Capítulo descrevemos alguns princípios teóricos essenciais da Análise do Discurso da escola francesa, tais como: Formação discursiva, Interdiscurso, Condições de Produção do Discurso, etc. Será por meio destes conceitos que analisaremos o diálogo, através da entrevista, entre Xue e Veja no Capítulo Três, onde por fim, pudemos ver qual é de fato o discurso da revista e da escritora, onde são os mesmos e onde são opostos.

No terceiro capítulo foram explanados os aspectos metodológicos da análise, e foi feita a análise propriamente dita. Os conceitos que usamos estão firmados em uma teoria materialista do discurso, que nos faz compreender a necessidade de observar que todo dizer é determinado por seu contexto histórico-social. Desta forma, o dito e o não-dito da entrevista puderam ser percebidos.

Detectamos no decorrer das análises a existência de um embate entre a revista e Xue, em que são ressaltados por um lado o discurso econômico, e por outro o discurso cultural.

## **CAPÍTULO 1. A REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA E A VEJA**

O presente capítulo se destina a estabelecer uma noção histórica do que motivou e de como aconteceu a Revolução Cultural Proletária da China. Uma vez que, devido aos relatos que fez sobre este período, a jornalista e escritora chinesa Xinran Xue se destacou internacionalmente, atraindo a atenção de vários meios de comunicação, entre eles a revista brasileira *Veja*, para a qual Xinran concedeu uma entrevista em 2009, que iremos analisar no terceiro capítulo deste trabalho.

É, pois a história da Revolução Cultural, da Xinran Xue, e a da revista *Veja*, que iremos abordar nesta parte inicial do trabalho.

### **1.1. A Revolução Cultural da China na História formal**

#### **1.1.1. O Grande Timoneiro – Ditador para inimigos e Camarada para revolucionários**

Num período em que mais de 80 % da população chinesa era rural, um dos maiores líderes revolucionários da China era filho de camponeses. Ele viveu de 1893 até 1976, e comandou o Partido Comunista Chinês desde a década de 1920. Com uma ideia que serviria para estimular o povo, pois todos estariam no mesmo barco, durante a Revolução Cultural Mao Tsé-Tung pede para ser chamado de O Grande Timoneiro<sup>1</sup>. O líder comunista chegou ao ponto até mesmo de lutar ao lado dos nacionalistas, seus inimigos, em busca da unificação da China. Entretanto, depois vencer a guerra civil contra os mesmos nacionalistas<sup>2</sup> que outrora se aliou, em 1949, Mao foi aclamado presidente da Republica Popular da China.

Acreditando que apenas o socialismo poderia salvar sua nação, Mao chamava o período que antecedeu sua liderança de ‘Velha China’, e apontava o atraso que o país viveu economicamente mostrando o quanto a economia cresceu após seu governo:

Sob o domínio do imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrata, as forças produtivas da velha China cresciam muito devagar. Por mais de cinquenta anos antes da libertação, a China produzia apenas algumas dezenas de milhares de toneladas de aço por ano, sem contar a produção das províncias do nordeste. Se essas províncias fossem incluídas, o pico anual de produção pouco passava de 900 mil toneladas. Em 1949, a produção nacional de aço era pouco mais de 100 mil

<sup>1</sup> Timoneiro: Aquele que comanda a embarcação. No sentido político que Mao usou: aquele que dirige a nação.

<sup>2</sup> Os nacionalistas tinham interesses políticos diferentes dos comunistas. Eles se isolaram em fuga na ilha de Taiwan e receberam apoio norte-americano.

toneladas. Mas agora, sete anos depois da libertação de nosso país, a produção de aço já excede os quatro milhões de toneladas. Na velha China, dificilmente haveria indústria de bens de capital, automobilista e aérea. Agora temos as três. (MAO apud ZIZEK, 2008, p 172)

Ao derrubar o velho sistema, o novo regime implantado por Mao tinha como uma de suas características dois aspectos: ditadura para contra-revolucionários e democracia, através da educação e persuasão, para o povo. “A combinação desses dois aspectos democracia para o povo e ditadura para os reacionários, é a ditadura democrática do povo.” (MAO apud ZIZEK, *ibid*, p. 169). O líder comunista, com o apoio do povo, perseguiu então aqueles que eram considerados inimigos por se oporem à revolução, por qualquer que fosse o motivo:

Depois da Libertação, extirpamos alguns contra-revolucionários. Alguns deles foram sentenciados à morte por crimes maiores. Isso foi absolutamente necessário, era a exigência das massas, e foi feito para livrá-las de longos anos de opressão pelos contra-revolucionários e todo tipo de tiranos locais...” (MAO apud ZIZEK, *ibid*, p. 176)

Mao produziu ainda várias obras que serviam para nortear o partido comunista na sua liderança sobre a China, e fez questão de deixar registrado os seus conceitos revolucionários. Entre os textos destacam-se: O Livro Vermelho, Sobre a Ditadura Democrática do Povo, Sobre a prática, Sobre a Contradição, entre outros.

A mais conhecida obra de Mao Tsé-Tung foi o Livro Vermelho, que é uma coletânea de citações do líder, com organização de Lin Piao, o então ministro de Defesa chinês. Com citações como: “Devemos apoiar tudo que o inimigo combate e combater tudo o que o inimigo apoia” ou “A revolução é um insurreição, é um ato de violência pelo qual uma classe derruba a outra”, estes escritos foram usados como um manual pela juventude da Revolução Cultural. A obra aborda ainda temas relacionados à cultura, religião, proletariado, etc. Sendo o segundo livro mais vendido da história, este conhecido ícone do comunismo reúne a base doutrinária do maoísmo<sup>3</sup>.

A chamada Revolução Cultural foi implantada por Mao Tsé-Tung com a finalidade de eliminar a oposição ao maoísmo e de tornar a cultura chinesa revolucionária, fazendo uma grande reforma política e reeducando os chineses. Este movimento aconteceu dezessete anos após a tomada e centralização do poder durante o governo comunista.

Último plano de governo de Mao na China, a Revolução Cultural proletária chinesa durou de 1966 até a morte do líder em 1976.

---

<sup>3</sup> Maoísmo: Política comunista de Mao Tsé-Tung

### 1.1.2. As raízes do comunismo chinês e as causas que motivaram a Revolução Cultural

Segundo Jean Daubier (1974, p.8), “o Comunismo é um sistema social igualitário em que cada um recebe uma parte do produto social correspondente às suas necessidades”, e neste regime a divisão da sociedade em classes é abolida, assim como o Estado. Porém, antes disto é necessário haver a tomada do poder e se instaurar o socialismo com o derrubamento da burguesia, para que possa existir uma transição do Socialismo ao Comunismo.

Tal transição pode ser lenta por causa das contradições sociais e desigualdades diversas que decorrem da divisão do trabalho, que valoriza o intelectual (cercado de privilégios) e despreza o manual, por ser considerado menos nobre. Segundo Aponte (1979), após acontecer a Revolução Cultural da China, a direção econômica e a produção chinesa se constituíram em atividades que buscavam eliminar as barreiras entre o trabalho manual e o intelectual.

Era necessário que acontecesse a despolarização do trabalho entre detentores do conhecimento e as massas “sem ciência” através de uma profunda transformação. Por esta razão, se fez necessário uma reforma no sistema pedagógico para que acabasse na China a separação entre trabalho intelectual e manual. A partir de então estudantes seriam escolhidos entre operários e camponeses já familiarizados com o trabalho, valorizando-se o bem do coletivo, ou seja, o bem comum:

A Revolução Cultural proletária chinesa apresenta diversas linhas de força. Uma é a transformação do ensino de maneira a que se extinga a separação de trabalho intelectual e manual. A finalidade do ensino não deve ser a de formar a curto prazo os gestores de que a sociedade precisa, mas a de criar um homem novo, física e moralmente apto e que seja simultaneamente um trabalhador e intelectual. (DAUBIER, 1974, p. 13-14)

O modo de produção capitalista também não poderia existir e nem ter influências para que houvesse consolidação do comunismo, entretanto, neste caminho interesses de operários e intelectuais podem chocar-se, inclusive na cultura.

A Revolução Cultural da China surgiria com Mao Tsé-Tung acreditando que as sociedades humanas evoluiriam para o comunismo, e que o socialismo deveria criar as condições para tal transformação, que só seria possível através de uma revolução dos costumes e mentalidades. Este movimento tinha a intenção de afastar os intelectuais influenciados pela ideologia burguesa do domínio literário artístico.

A revolução, amparada por obras do líder comunista, fornecia o subsídio para o aprendizado que a sociedade deveria ter, a fim de conduzi-los à autoridade para criticar e denunciar tudo que sofresse influência da tradição, neste país que vivia em extremidades de força tanto desta última quanto da revolução:

Transformar mentalidades consiste em implantar as ideias revolucionárias na vida social. [...] Foi, sobretudo pela prática de uma luta muito complexa e por vezes duríssima que se fez a politização das massas chinesas. O estudo das obras de Mao Tsé-Tung era concebido como devendo conduzir e esclarecer os problemas concretos que se colocavam ao longo desta luta. Era depois necessário aplicar rapidamente os conhecimentos que elas traziam. [...] Tratava-se, sobretudo, de aprender a Revolução fazendo-a. (DAUBIER, *ibid*, p. 20-21)

No centro da Revolução estavam o poder e o povo, os dirigentes e os dirigidos. E para Mao, a solução disto era uma revolução política. Para ter êxito, o comunismo precisava superar as tendências individualistas enraizadas. O líder comunista chinês combateu seus adversários minando a base da política deles.

Entretanto, surge o que Jean Daubier chamou de uma *neoburguesia*, à qual era constituída por aqueles a quem a persistência das desigualdades permitiu a aquisição de privilégios, que procuraram aumentar e defender, fazendo com que existissem políticas opostas ao rigor militante do maoísmo.

Segundo Slavoj Zizek (2008), na tentativa de desenvolver a indústria da China e armar-se, ao exportar comida para a Rússia a fim de comprar equipamentos industriais bélicos e nucleares, 38 milhões de pessoas morreram de fome entre 1958 e 1961. Recebendo críticas de sua política no plano de industrialização e desenvolvimento agrícola *Grande Salto para a Frente*, implantado em 1958 e cujas metas não foram alcançadas causando uma grande fome na China, Mao continuava a ser confrontado por seus opositores.

Sob o ponto de vista econômico, o <<Grande Salto à Frente>> é uma experiência sem precedentes. Planejam-se taxas de expansão extraordinárias- que nunca chegam a ser cumpridas- e mobiliza-se em massa a população. O progresso agrícola e industrial foi considerável; mas os graves erros cometidos até o final da etapa (1960), somados a algumas calamidades naturais e conseqüentes prejuízos na agricultura e mais a interrupção, a partir do verão de 1960, da fundamental ajuda da União Soviética [...] puseram um termo ao <<Grande Salto à Frente>> e determinaram a passagem a um período de <<reajustamento>> (1961-1966). (APONTE, 1979, p.120)

A presença de opositores de Mao até mesmo dentro do próprio partido comunista chinês complicaram seus intentos, pois estes opositores eram difíceis de ser identificados. Por



esta razão, o líder convocou as massas para examinar os quadros dirigentes em todos os níveis. Pois, para ele, apenas as massas conseguiriam identificá-los e denunciá-los no combate ao individualismo, capitalismo e revisionismo<sup>4</sup>.

Mao Tsé-Tung foi também o filósofo que discutia as tendências do pensamento revolucionário na China sob o calor dos acontecimentos. [...] Ao mesmo tempo em que lidava com questões práticas e teóricas da revolução, Mao incitava a insurreição contra tendências políticas que, segundo ele, poderiam estagnar o movimento revolucionário. (ZIZEK, 2008, SN)<sup>5</sup>

A falta de auxílio russo causado pelo conflito sino-soviético, que foi resultado de Mao ter considerado a política de Khruchtchev um abandono da linha revolucionária proletária e um prolongamento da tendência burguesa, também contribuiu para a oposição ao governo maoista dentro do partido. De acordo com Slavoj Zizek (2008), Mao apresentava uma mudança de orientação sobre a revolução da URSS bem antes, já com relação a Lênin e a Stalin, no que se referia à classe operária e à camponesa. Os camponeses na URSS eram vistos com desconfiança, e Mao, em uma de suas críticas, apontava que este havia sido o erro básico dos soviéticos: não confiar nos camponeses. Depois da definitiva ruptura sino-russa, a China contava apenas consigo mesma. No entanto, Mao tinha ainda a força de cerca de 600 milhões de chineses, entre homens e mulheres.

Com relação ao papel feminino neste contexto, segundo Aponte (1979), a China integrou a mulher com bastante ênfase no mundo do trabalho industrial, de forma que as crianças delas ficavam em jardins de infância a cargo do Estado, para que essas mães pudessem trabalhar diariamente.

Entretanto, a oposição ao Líder comunista foi acentuada ainda mais com o conflito sino-soviético. E em 1963, para rebater as críticas, Mao criou o *Movimento de educação Socialista* que preparava o terreno para a Revolução Cultural. Este movimento visava a combater a influência da tradição e do individualismo, além de enfraquecer a possibilidade de tal influência conduzir a corrupção do regime revolucionário. Estes foram alguns fatores que motivaram a Revolução Cultural que iniciaria em 1966.

Antes disto, em 1964, foram organizadas numerosas exposições artísticas na zona rural. Algumas para combater caos de injustiça ou de fraude, outras para contar a vida na antiga sociedade, de maneira a educar a juventude e a fazer lembrar a existência de um perigo de regresso ao mesmo estado de coisas, caso as práticas assinaladas não fossem totalmente

<sup>4</sup> Revisionismo: Termo usado para denúncias de traços capitalistas ou burgueses que prevaleciam, segundo Mao, na URSS.

<sup>5</sup> Orelhas do livro

banidas. Simultaneamente, dirigentes do partido e intelectuais eram enviados para os campos segundo um plano estabelecido, cujo objetivo era o envio de relatórios sobre as condições de vida rural, sua formação em contato com realidades concretas e prática de trabalho manual que, como elemento de educação contribuía para a sua proletarização, no sentido político e moral do termo:

Em 1964, representaram-se cenas da antiga sociedade com estátuas de argila em tamanho natural. As amargas recordações do passado reviviam assim perante as novas gerações. Uma das exposições intitulava-se o Pátio da Quinta: viam-se camponeses obrigados a dar uma parte da colheita ao proprietário de terras que os faziam passar por toda a espécie de serviços e humilhações. (DAUBIER, 1974, p.31)

Enquanto isto acontecia na zona rural, na zona urbana a imprensa do Partido fazia a publicação de diversas obras teóricas de esquerda. Também foram produzidos argumentos que traduziam o aspecto político por sobre o artístico. Em continuidade para a preparação da Revolução Cultural, nas artes eram também representadas formas de exploração, para que não houvesse desejo de viver em outros sistemas políticos.

### **1.1.3. A Revolução Cultural**

No início do movimento, o que caracterizou este começo de revolução, foi a divisão dentro do Partido Comunista Chinês. “A Revolução Cultural, que se iniciou em 1966, foi uma das manifestações fundamentais desta luta contra as forças capitalistas e a linha política apelidada de burguesia.” (APONTE, 1979, p.124)

Mao Tsé- Tung, numa ofensiva política, fez a Revolução Cultural se desenvolver e ser totalmente declarada, sobretudo através de fortes propagandas do governo. Após a publicação de uma série de artigos e documentos, ficava estabelecida a eliminação da oposição partidária, que deveria contar com o apoio das massas para críticas, identificação e denúncias. Humilhações públicas e execuções de inimigos do Partido marcaram esta época.

Destruir a oposição não era o único objetivo da Revolução Cultural. De acordo com Aponte (1979), além de pretender eliminar as diferenças entre trabalho manual e intelectual, os outros objetivos do movimento eram: avançar nos domínios da industrialização rural; unir campo e cidade; e tornar mais sólida a participação de mulheres, operários e camponeses na sociedade.

No âmbito artístico, segundo Roxane Witke (1997) que entrevistou em 1972 a quarta esposa de Mao- Chiang Ching, esta companheira do líder revolucionário teria desempenhado

na produção de arte esquerdista um papel de destaque. Por ser atriz e formada em teatro, Chiang esteve no comando dessa arte proletária e revolucionária. Fato que para uma mulher era um grande desafio, além de significar um processo de abertura para inclusão feminina em importantes setores do cotidiano chinês. Chiang Ching, partindo do princípio de que o teatro molda a consciência, procurou exercer máxima autoridade sobre as artes representativas e sobre a cultura nacional.

Ser mulher constringia-a num perpétuo dilema. Filha das massas rejeitou a família; aprendeu, no teatro, a arte de conquistar as pessoas, e abriu seu próprio caminho até o pináculo do poder revolucionário. Seu casamento com Mao, que confirmava seu triunfo, parecia colocá-la à testa de uma nova sociedade, em que homens e mulheres se têm por iguais. [...] No curso da Revolução Cultural, ela assumiu a direção da esfera cultural, justamente a de maior importância. (WITKE, *ibid*, p. 21)

Num ambiente de cultura revolucionária, o teatro chinês<sup>6</sup>, mesmo na preparação para a Revolução Cultural, já tentava banir a influência estrangeira de sua arte. A China criava então seu próprio estilo de espetáculo: “Chiang Ching e sua equipe trataram de estipular um repertório modelo de espetáculos dentro das estruturas e do simbolismo do regime atual. Começava assim a nascer uma nova cultura proletária.” (WITKE, *ibid*, p. 328). Neste momento, o literário e o artístico eram aplicados baseando-se no aspecto político revolucionário. E preocupados em atrair as massas, principalmente com espetáculos especiais para lavradores e camponeses, e em fazer com que o povo tivesse acesso à nova cultura, os líderes chineses barateavam o acesso aos locais que tinham arte. Diferente do que ocorre no capitalismo, que, como diziam os chineses horrorizados ao saberem dos preços de ingressos nos Estados Unidos, “controlam e consomem cultura”.

O povo lotou os teatros e cinemas [...] Até mesmo as crianças - sem nenhuma cultura tipo Disney, Vila Sésamo ou conjuntos de *rock* massificados pela televisão através dos mercados capitalistas - aderiram espontaneamente ao compasso das canções revolucionárias. (WITKE, *ibid*, p. 328)

A visão crítica com relação aos Estados Unidos, além de ser fruto do capitalismo praticado por eles, ganhou forma por causa do apoio norte-americano às forças nacionalistas isoladas em Taiwan. “Eles ocuparam **nossa** Taiwan”, diziam os chineses. (ZIZEK, 2008, p.132). (Grifo meu)

---

<sup>6</sup> Também conhecido como Ópera Chinesa.

Para estabelecer uma cultura totalmente popular, os líderes chineses destruíram monumentos, casas de chá, cafés, teatros particulares, restaurantes privados, e mercados livres. Funerais, matrimônios extravagantes e feriados também foram suprimidos, pois tal passado não poderia ser recriado.

Responsáveis por combater opositores do comunismo e divulgar a Revolução, Mao Tsé-Tung teve também o apoio da chamada Guarda Vermelha, “Com braçadeiras vermelhas e livrinho vermelho em punho, formaram inúmeras organizações em resposta ao apelo de apoio de Mao em 1966” (WITKE, 1997, p. 395), composta por milhões de jovens voluntários aliados ao partido comunista, com estudantes secundaristas e universitários, a juventude operária e camponesa, e pessoas que tivessem consciência política revolucionária comprovada.

A atividade da Guarda Vermelha respondia a dois objetivos: o primeiro era de ordem psicológica; o segundo, de ordem política. Ambos tinham por finalidade aumentar o número de pessoas empenhadas na Revolução Cultural Proletária Chinesa. (APONTE, 1979, p. 101)

Formas de ensino marcadas por influências burguesas eram barradas e vários intelectuais foram enviados aos campos de trabalho. Isto aconteceu com grande ênfase nas universidades com amparo de estudantes e alguns professores de linha revolucionária que tinham total liberdade para expor seu apoio ao Partido, através de artigos e críticas públicas a tudo que fosse considerado burguês ou reacionário.

Apesar do esforço em ser independente economicamente e em fazer sua própria arte revolucionária, os líderes comunistas, no entanto, não puderam excluir completamente os elementos ocidentais durante a Revolução. Para Roxane Witke, (1997) a relação “amor-ódio” acerca do ocidente permanecia, pois segundo a escritora, alguns chineses ainda apreciavam a cultura ocidental. Desta forma, a divergência de opiniões acerca do maoísmo ainda existia, dentro e fora do partido.

Em 1976, Mao Tsé-Tung faleceu, e iniciou-se um processo de abertura econômica e política, chamado por Zizek de reintrodução do capitalismo, no governo do sucessor de Mao, Deng Xiaoping. “Deng orquestrou a reintegração do capitalismo na nova China comunista, ao passo que a Revolução Cultural visava sua total aniquilação” (Zizek, *ibid*, p. 31). Terminava assim o período conhecido como Revolução Cultural Proletária chinesa.

## 1.2. A Revolução Cultural na história de Xinran Xue

Nascida em Pequim no ano de 1958, Xue viveu sua infância longe de seus pais, que foram presos pelo regime comunista por causa dos antecedentes culturais e econômicos deles. Crescendo sob o domínio da Guarda Vermelha em meio de uma série de conflitos políticos com perseguição aos opositores do Partido Comunista Chinês, Xinran aos sete anos de idade mal podia compreender as transformações que a China vivia neste período.

Em 1988, adulta e formada em jornalismo, após a abertura econômica de 1976, a jornalista tornou-se conhecida na China devido ao seu programa de rádio *Palavras na Brisa Noturna*, o qual a fez conhecer a intimidade de inúmeras mulheres chinesas através das cartas que recebia de suas ouvintes e das visitas que fazia no interior do país. Apresentando seu programa durante oito anos, a jornalista discutia vários aspectos do cotidiano e falava de suas próprias experiências, além de sugerir meios de lidar com as dificuldades da vida. Assim, Xinran conquistou rapidamente a confiança de suas ouvintes. Isto foi facilmente verificado através das inúmeras cartas que chegavam à mesa da apresentadora diariamente:

Em Palavras na brisa noturna, eu tentava abrir uma janelinha, um buraco minúsculo, para que as pessoas pudessem desabafar e respirar, depois da atmosfera carregada de pólvora dos quarenta anos precedentes. O autor e filósofo chinês Lu Xun disse certa vez que “a primeira pessoa que experimentou um caranguejo deve ter provado uma aranha também, mas percebeu que não era boa para comer.” Esperando a reação dos ouvintes ao programa, eu me perguntava se iam considerá-lo um caranguejo ou uma aranha. O número de cartas entusiasmadas que se empilhavam na minha mesa me convenceu de que era um caranguejo. (XUE, 2003, p. 9)

Fruto de seu trabalho como jornalista, Xinran escreveu várias obras, algumas inclusive com publicação em português: *Enterro celestial*, baseado na história de Shu Wen, cujo esposo era médico do Exército Popular de Libertação e desapareceu durante a ocupação do Tibete cem dias após seu casamento; *O que os chineses não comem*, que reúne os textos sobre a vida chinesa que a escritora fez para o jornal inglês *The Guardian*; e *Testemunhas da China*, com relatos de idosos chamados de pais e avós da China moderna, que falam sobre o período da Revolução; entre outras. O primeiro livro da autora foi lançado em 2002, *As Boas Mulheres da China*, também publicado no Brasil em 2003, reúne algumas cartas que a jornalista recebia em seu programa de rádio: “De forma cautelosa, paciente e compreensiva,

Xinran colheu relatos em que predomina a memória da opressão e do abandono: casamentos forçados, desilusões amorosas, ostracismo e violência.” (XUE, *ibid*, SN)<sup>7</sup>.

De acordo com a escritora, seus livros não foram publicados na China e lá quase não se fala no que realmente aconteceu durante a revolução cultural. Segundo a jornalista, os dez anos deste período ocupam menos de uma página nos livros de história chineses.

Um dos relatos da obra *As Boas Mulheres da China* é a história da infância da própria jornalista, que descreve o fato da sua carreira profissional ir muito bem, mas interiormente vivia em conflito por ter que lidar com suas memórias.

Marcada pelos sofrimentos que viveu quando criança, em um de seus relatos Xinran demonstra tristeza pela forma que foi desprezada por outras crianças pobres chinesas, numa época de fome na China, na qual Mao via fracassar seu plano econômico *O Grande Salto para Frente*<sup>8</sup>:

Nasci em Pequim em 1958, quando a China se encontrava no auge da pobreza e a ração diária de comida consistia em alguns grãos de soja. Enquanto outras crianças da minha idade passavam frio e fome, eu comia chocolate importado na casa da minha avó em Pequim, cercada de flores e ouvindo passarinhos no pátio. Mas, no seu estilo político bastante particular, a China estava prestes a eliminar as diferenças entre ricos e pobres. Eu seria desprezada e insultada pelas crianças que tinham lutado para sobreviver à pobreza e às dificuldades. Logo a privação espiritual contrabalançaria as riquezas materiais que eu tivera um dia. A partir de então, entendi que na vida há muitas coisas mais importantes do que chocolate. (XUE, *ibid*, p. 147).

Quando Xinran tinha sete anos, os Guardas Vermelhos invadiram sua casa devido a suspeita de que o pai dela fosse uma “autoridade técnica reacionária” por ser membro da Associação Chinesa de Engenheiros Mecânicos de Alto Nível e especialista em mecânica elétrica. Além de ter sido considerado “representante do feudalismo e do capitalismo” por possuir obras de arte e de história estrangeiras em sua residência, este chefe de família também foi acusado de ser um “lacaio do imperialismo britânico”, pois o pai dele havia trabalhado para uma empresa britânica.

Após o pai de Xinran sair da prisão, ele foi enviado para um campo de trabalho para se reeducar, e a mãe dela também foi presa por ser filha de um “burguês capitalista”. Xinran e seu irmão de dois anos foram viver junto com outras crianças cujos pais estavam sendo investigados, e lá ficaram por cinco anos. Eles passaram a ser comandados pela Guarda Vermelha e tinham que reconhecer que seus pais eram reacionários.

---

<sup>7</sup> Orelhas do Livro.

<sup>8</sup> O Grande Salto para Frente foi abordado na página 15

Segundo a jornalista, que foi educada junto ao exército, apenas as escolas militares poderiam funcionar durante a Revolução Cultural Chinesa, pois todas as demais instituições educacionais foram fechadas.

Qualquer pessoa que fosse de uma família rica, possuísse educação superior, tivesse qualquer tipo de ligação com o exterior ou houvesse algum dia trabalhado no governo antes de 1949, quando o Partido Comunista assumiu o governo chinês, era classificada como “contra-revolucionária”. Estas pessoas, consideradas como criminosas políticas, não podiam ser colocadas em prisões por serem muitas. Desta forma, eles eram enviados para o interior a fim de trabalharem nas lavouras e aprenderem com os camponeses, recebendo uma reeducação, além de continuarem a ser investigados pelos guardas vermelhos.

As mulheres que cometiam o “crime” de ter roupas ou hábitos estrangeiros eram também publicamente humilhadas. De acordo com Xinran (ibid, p. 169) “Cada palavra e cada ato eram julgados num contexto político”. Ao que a escritora chama de “anos negros da Revolução Cultural”, ela afirma que havia pouco no corte ou na cor que diferenciava a roupa das mulheres da dos homens. Para a escritora, as coisas básicas que caracterizavam o universo feminino eram raras, (XUE, ibid, p. 170) “Maquiagem, roupas bonitas e joias só existiam em livros proibidos.”

A jornalista explica que embora revolucionários, nem todos conseguiam resistir à sua natureza, e um dos problemas que teria deixado mais sequelas nas mulheres e na sociedade chinesa deste período foi a repressão sexual e as prisões dos chefes de família sob investigação:

Uma pessoa podia ser “revolucionária” em todos os sentidos, mas bastava sucumbir a desejos sexuais “capitalistas” e era arrastado para o palco para ser combatido ou colocado no banco dos réus. Algumas pessoas, desesperadas, deram cabo da própria vida. Outras colocavam-se como exemplos de moralidade, mas aproveitavam-se dos homens e mulheres que estavam sendo reformados, fazendo da submissão sexual deles “um teste de lealdade”. A maioria das pessoas daquela época enfrentou um ambiente de esterilidade sexual, sobretudo as mulheres. No auge da vida, os maridos eram encarcerados ou enviados para escolas de reeducação por períodos de até vinte anos, enquanto as esposas levavam uma existência de viúvas de marido vivo. (XUE, ibid, p. 170)

A escritora relata ainda que as famílias chinesas não costumam falar o que lhes aconteceu durante a Revolução Cultural, inclusive a dela. E uma das preocupações de Xinran é que as gerações futuras de seu país nunca cheguem ao conhecimento do que de fato aconteceu neste período da história chinesa.

Devido às pressões políticas, a jornalista saiu de seu país em 1997 e foi morar na Inglaterra onde passou a lecionar na School of Oriental and African Studies de Londres, e se tornou colunista do jornal The Guardian. Atualmente com 54 anos, Xinran também dirige a Organização não-governamental The Mothers' Bridge of Love, que trabalha em prol da adoção de meninas chinesas.

Deixando seu registro na História, Xinran Xue divulga os relatos recolhidos em seu programa de rádio e em sua profissão escrevendo livros e fazendo palestras pelo mundo. Neste contexto, a revista Veja e a escritora se encontram quando Xinran veio ao Brasil lançar um de seus livros. Na ocasião, a jornalista chinesa concedeu uma entrevista, que analisaremos no terceiro capítulo deste trabalho. Antes da análise, porém, nos deteremos especificamente à história da Veja no Brasil.

### **1.3. A Revista Veja – O fenômeno da editora Abril**

Considerada um fenômeno editorial do Grupo Abril, que foi fundado em 1950 por Victor Civita, a Veja é hoje uma das revistas de maior circulação no Brasil, e a terceira do seguimento mais lida do mundo.

Filho de italianos, o fundador da editora Abril, Victor Civita, nasceu em Nova York e foi criado em Milão. Ele casou com Sylvana Alcorso, com quem teve dois filhos: Roberto e Richard. De 1939 a 1949 Victor morou nos Estados Unidos; e numa visita às terras brasileiras surgiu a ideia de fazer negócio no Brasil, sendo este o momento em que o empresário mudou-se para São Paulo junto com sua família. A empresa que ele criou recebeu o nome 'Abril' porque este é o mês da primavera no continente europeu. A árvore, símbolo do grupo, significa a fertilidade, e a imagem da vida; e o verde, cor adotada pela editora, representa a esperança e o otimismo.

A editora Abril nasceu com o lançamento da revista 'O Pato Donald' em julho de 1950. A empresa continuou investindo em publicações infantis com quadrinhos nacionais que fizeram bastante sucesso, a exemplo de revistas dos personagens da Disney, como 'Zé Carioca', e dos personagens da Turma da Mônica criados por Maurício de Souza.

Diversificando seus clientes, a Abril possui segmentos especializados para atender o público infantil, jovem, feminino e masculino com as mais variadas publicações, como: Recreio, Almanaque Abril Vestibulares, Gloss, Nova, Elle, Cláudia, Boa Forma, Placar, Playboy, Quatro Rodas, etc. No total, o Grupo fundado por Victor Civita publica 52 títulos, tendo cerca de 28 milhões de leitores, isto sem contabilizar sua audiência via internet.



Entre as obras de grande sucesso da editora Abril, destaca-se a revista *Veja*<sup>9</sup>, que teve sua primeira edição publicada em setembro de 1968, com uma equipe liderada pelo jornalista Mino Carta. Nela, a matéria de capa tinha como chamada: “O Grande duelo no mundo comunista”.

Com grandes expectativas de venda, *Veja* na segunda edição desfalcou a editora Abril, pois o público havia rejeitado o formato da revista, fato que quase causou seu fim. Porém o projeto foi mantido por Roberto Civita, filho de Victor, que implantou um sistema de assinaturas inexistente até aquele momento no Brasil. O plano deu certo, e ao passar dos anos, com slogans do tipo: *VEJA, indispensável para o país que queremos ser; Quem lê Veja entende os dois lados; Indispensável; Os olhos do Brasil; A revista mais lida e comentada do Brasil*; hoje a *Veja* tem mais de 1 milhão de assinaturas, abordando semanalmente temas como: política, economia, moda, educação, cultura, etc.

Com reportagens que marcaram a história da imprensa brasileira e a da própria revista, *Veja* já abordou e aborda casos de muita repercussão, tais como: a entrevista com Pedro Collor, com chamada de capa ‘*Pedro Collor conta tudo*’, que trazia revelações sobre o então presidente da república Fernando Collor de Melo; a grande quantidade de edições sobre a corrupção dentro do governo do Partido dos Trabalhadores no Brasil, conhecido como Mensalão, entre outras.

Uma vez que a *Veja* se trata de um periódico de revista, a linguagem usada por este tipo de mídia também deve ser observado. É característico do jornalismo em revista haver um novo olhar sobre aquilo que já pode ter sido publicado na internet, no rádio ou na TV. Mesmo usando matérias exclusivas, o atrativo da revista nem sempre será a notícia de última hora, mas uma cobertura bem feita que irá auxiliar o leitor na compreensão do assunto abordado. Tanto na revista quanto em outras mídias, a ética e o profissionalismo devem estar presentes durante produção e veiculação dos fatos.

Também é importante lembrar que “Jornalistas são seres humanos e cidadãos com opções e convicções políticas culturais e sexuais” (SCALZO, 2011, p.80). Portanto, é fundamental que haja ética, para que o interesse público, e não o *do* público ou do privado seja atendido.

---

<sup>9</sup> Atualmente é possível visualizar todo o acervo da revista *Veja* através da internet, na versão online da revista em <http://veja.abril.com.br/>.

Os princípios básicos do jornalismo são iguais em qualquer tipo de veículo: o esforço para apurar os fatos corretamente, o compromisso com a verdade, ouvir todos os lados que envolvem uma questão, mostrar diversos pontos de vista na tentativa de elucidar histórias, o respeito aos princípios éticos, a busca constante da qualidade de informação, o bom texto. (SCALZO, *ibid*, p. 54)

Para Marília Scalzo, (*ibid*, p. 44) “revistas podem ser chamadas de supermercados culturais”, por refletirem a cultura dos lugares e seus estilos de vida, sobretudo na sociedade consumista. Segundo Tales Alvarenga<sup>10</sup>, diretor de redação da Veja na ocasião dos 50 anos da editora Abril no ano 2000, os leitores da revista são 80% das classes A e B, e têm um nível alto de educação e de consumo. Na revista o leitor é o foco “Quem define uma revista, antes de tudo, é o seu leitor.” (SCALZO, *ibid*, p.12); e no caso da Veja, seu público tem um determinado poder de capital; portanto, sua linha editorial nas publicações serão direcionadas para estas pessoas especificamente.

Se observarmos o acervo digital da Veja, veremos que com relação à sua postura política, ela é uma revista de direita e sempre procura mostrar um viés negativo quando aborda algum tema ligado ao comunismo, socialismo, ou partidos de esquerda, desde a sua primeira edição em 1968. Esta característica da revista é importante em nossa pesquisa, uma vez que, a entrevista que selecionamos, intitulada por “Vocês não entendem a China”, contém relatos ligados ao comunismo chinês. Através dos conceitos da teoria de Análise Discursiva de linha francesa, constatamos que ao longo da entrevista a Veja também reforça sua posição anticomunista e anti-esquerdista.

---

<sup>10</sup> Com informações da própria editora Abril, no link: <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/veja.html>

## CAPÍTULO 2. ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo irá tratar sobre a Análise do Discurso ligada à Escola francesa, que teve seu ponto inicial em 1969 através da publicação da obra *Análise Automática do Discurso* (*Analyse Automatique du Discours*) de Michel Pêcheux.

Os conceitos que usaremos estão firmados em uma teoria materialista do discurso. E a princípio, é fundamental o conhecimento do que é a ideologia, uma vez que, de acordo com a AD, toda prática discursiva é regida por esta última. Para tal, vamos então iniciar com a descrição do que é Ideologia, dando ênfase na concepção de Louis Althusser.

### 2.1. Ideologia

A expressão Ideologia foi utilizada pela primeira vez por Cabanis, Destutt de Tracy e alguns amigos. Neste primeiro momento o objeto da Ideologia seria identificado como a teoria das ideias.

Após cinquenta anos, Karl Marx ao retomar a palavra Ideologia a conceituou de forma diferente da proposta inicial. Para ele, Ideologia seria o sistema de ideias e representações que dominam a mente de um homem ou de um grupo social.

Na obra de Louis Althusser *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1985), a Ideologia é observada em uma existência material. Mas, para chegarmos ao ponto de entender este conceito, precisamos pensar no modo capitalista de produção e retornar às bases da teoria marxista de Estado.

#### 2.1.1. Condições de Produção – Reproduzidas e Transformadas

Louis Althusser (1985), citando Marx, inicia sua abordagem descrevendo que toda formação social que não reproduzisse suas condições de produção não duraria sequer um ano. Presumindo que toda formação social surge de um modo de produção dominante, o autor afirma que, para existir, esta formação social deveria reproduzir suas condições de produção: *das forças produtivas* (meios de produção e força de trabalho), e *das relações de produção existentes*.

Sabemos que no modo de produção capitalista um produtor precisa reproduzir as condições de produção de sua empresa. Fato este que se torna possível, em parte, através da

reprodução das condições materiais de produção: *a reprodução dos meios de produção*. Isto não ocorre, porém, apenas no nível empresarial, porque não é aí que esta *reprodução* existe nas suas condições reais (o que acontece ao nível da empresa é apenas um efeito). Entendemos que se um produtor produz algo, certamente ele precisa “reproduzir” sua matéria-prima, suas máquinas e etc. Entretanto ele não as produz para sua própria reprodução, pois outros capitalistas fazem isto e também têm que reproduzir, por sua vez, suas condições de reprodução. Ou seja, a reprodução das condições materiais de produção deve ser considerada numa esfera global, num ciclo maior. Tudo isto acontecendo em proporções para que a demanda de meios de produção para a reprodução possa ser atendido pela oferta, num tipo de cadeia interminável.

Garantida esta parte da força produtiva, falta agora o que irá fazer esta estrutura funcionar, pois para reproduzir as condições de produção de uma empresa é necessário também haja a força de trabalho. Indispensável, a *mão de obra* para existir e ser assegurada recebe a *condição material da reprodução das condições de trabalho*: o salário, que será utilizado pelo trabalhador e o fará voltar ao local de trabalho no dia seguinte. Porém, este salário não está condicionado às necessidades biológicas do empregado, mas as históricas impostas pela luta de classes, conforme Marx defendeu. Esta mão de obra deve ainda ser competente e diversa, sendo a reprodução da qualificação desta força de trabalho obtida através do sistema educacional capitalista e de outras instâncias e instituições. Em outras palavras, é preciso que aconteça uma reprodução da submissão à ideologia dominante para os trabalhadores.

A reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de sua qualificação, mas também, ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução de sua submissão à ideologia vigente [...] Em outros termos, a escola (além de outras instituições de Estado, como a Igreja, ou outros aparelhos, como o Exército) ensina a “habilidade”, mas sob formas que assegurem a *subjeição à ideologia dominante*. (ALTHUSSER, *ibid*, p. 108)

Entendendo que a sociedade é composta pela *infraestrutura* e pela *superestrutura* em que a sociedade tem a infraestrutura como base econômica composta pela unidade das forças produtivas e das relações de produção, e a superestrutura contém dois níveis: jurídico-político (o direito e o Estado) e o ideológico- sabemos que esta infraestrutura é o que determina a superestrutura, e somente a partir da *reprodução* é que esta superestrutura pode ser analisada em suas características e natureza.

De acordo com Marx, o Estado é então concebido como um aparelho repressor:

O Estado é uma “máquina” de repressão que permite às classes dominantes (no sec. XIX, a classe burguesa e a “classe” dos latifundiários) assegurarem sua dominação sobre a classe trabalhadora, submetendo estas últimas ao processo de extorsão da mais-valia (isto é, à exploração capitalista). (ALTHUSSER, *ibid*, p. 111)

Desta forma, pela ótica teórica da tradição marxista, o Estado é o Aparelho Repressivo de Estado, que compreende: o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, etc. Enquanto isto, o Poder estatal estaria a serviço da classe dominante, pois é ela que detém o poder.

Podemos então compreender que o objetivo da luta de classes é tomar o poder estatal e usar o aparelho de Estado em função de seus objetivos, dentre os quais está o de manter-se no poder, conforme nos indica Althusser (1985, p. 113): “Toda a luta política de classes gira em torno do Estado. Entendamos: em torno da posse, isto é, da tomada e preservação do poder estatal por uma certa classe, ou por uma aliança entre classes ou frações de classes.”

Compreendendo esta distinção entre poder estatal e aparelho de Estado, o teórico então insere nesta concepção de aparelhos de Estado elementos mais complexos, que são os *Aparelhos Ideológicos de Estado- AIE*.

Em geral, os aparelhos de Estado, cuja finalidade é assegurar a reprodução das relações de produção, estão divididos em repressivos (que não podem ser confundidos com poder estatal) e ideológicos. Com relação ao funcionamento, os ideológicos funcionam pela ideologia predominantemente, mas também pela repressão, e os repressivos pela repressão predominantemente, mas também pela ideologia, havendo assim um duplo funcionamento neles. Não há aparelho puramente ideológico ou puramente repressivo.

Os Aparelhos Repressivos de Estado pertencem mais ao poder público e se apresentam como o exército, os presídios, os tribunais e a polícia, como dissemos anteriormente; os Aparelhos Ideológicos de Estado pertencem mais ao poder privado e se apresentam como instituições específicas. “Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos de Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.” (ALTHUSSER, *ibid*, p. 114), tais como: partidos, escolas, sindicatos, jornais, igrejas e etc, compreendendo: AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas), AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas”, públicas e particulares), AIE familiar, AIE jurídico, AIE político (o sistema político, incluindo os diferentes partidos), AIE sindical, AIE da informação (imprensa, rádio e televisão, etc), e AIE cultural (literatura, artes, esportes, etc).

Uma vez que nosso trabalho de pesquisa buscou analisar os discursos adotados pela Veja e pela jornalista chinesa Xinran Xue, em entrevista concedida por ela à revista em 2009, destacaremos as formas de funcionamento dos AIEs que nos interessam<sup>11</sup>: Político- que submete os indivíduos à ideologia da política estatal; Cultural- que reflete a cultura da classe dominante; e o da Informação- que leva aos cidadãos, doses diárias de notícias e reportagens de acordo com os interesses da classe que detém o domínio.

Tendo como seu meio de realização os Aparelhos Ideológicos de Estado, a ideologia dominante pode ser confrontada ao ponto de perder seu espaço privilegiado e mudar. Isto acontece porque as classes vivem em disputa pelo poder, fato que resulta no que Michel Pêcheux (1995) chamou de *reprodução/transformação das relações de produção*, que está designando o caráter contraditório de todo modo de produção, que se baseia na luta de classes.

Podemos, de agora em diante, dar mais um passo no estudo das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção dizendo que essas condições contraditórias são constituídas, em um momento dado, e para uma formação social dada, pelo *conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado* que essa formação social comporta. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 145)

O que contribui para a reprodução das relações de produção está na verdade contribuindo também para a transformação destas relações. Ou seja, os AIEs constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção, que faz ser inevitável que mudanças aconteçam nos AIEs. Uma relação de patrão e empregado pode mudar e se transformar em sociedade ou parceria; diante da pressão dos movimentos homossexuais, dentro do aparelho jurídico o casamento pode deixar de ser uma união apenas entre um homem e uma mulher e passar ser também união entre pessoas do mesmo sexo; o aborto pode deixar de ser visto como crime por causa das reivindicações dos movimentos feministas, etc. Desta forma, as ideologias que dominam na formação social em que vivemos, ou que dominaram formações sociais no passado, aos poucos se transformam e/ou mudam completamente.

Em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* (referidas aos Aparelhos Ideológicos de Estado), que possuem um caráter “regional” e comportam também posições de classes às quais servem. O vínculo contraditório entre reprodução e transformação das relações de produção se liga ao nível ideológico, na medida em que não são os objetos ideológicos tomados um a um, mas sim o

---

<sup>11</sup> Por causa dos vícios que mais foram abordados durante entrevista que analisamos no capítulo 3

próprio desmembramento em regiões (Deus, a moral, a justiça, a família, etc), de forma que as relações entre essas regiões se caracterizam na *luta ideológica de classes*. Podemos compreender, portanto, que a luta entre os AIEs (e as regiões, objetos e práticas que lhes correspondem) ocorre na tentativa de imposição no interior do complexo dos AIEs novas relações de *subordinação*, que se dá através de condições históricas e sociais.

A partir do conceito de aparelhos ideológicos de Estado, chegamos ao ponto de abordar algumas considerações importantes sobre ideologia, uma vez que é através dela que eles funcionam.

### 2.1.2. A ideologia tem ou não tem história?

A resposta para a pergunta acima é – *As ideologias* tem uma história própria determinada pela luta de classes, enquanto a Ideologia *em geral* é pensada sem história, num sentido positivo no qual a estrutura e funcionamento da Ideologia são imutáveis e se acham presente em tudo o que chamamos de ‘História’, ou seja, ela é a-histórica, *oni-histórica*, não tendo história, mas havendo nela a história e representando todas as *ideologias*. A tese defendida por Louis Althusser propõe que existe *Ideologia em geral* e *ideologias particulares*, sempre expressando posições de classes, sejam elas: religiosa, ética, jurídica ou política.

Pois bem, penso ser possível afirmar que *as ideologias* têm uma história própria (ainda que seja determinada, em última instância, pela luta de classes); e por outro lado, creio ser possível afirmar que *a ideologia em geral não tem história*- não num sentido negativo (sua história lhe é externa), mas num sentido absolutamente positivo. (ALTHUSSER, 1985, p. 125)

Dentro dos dois aspectos sugeridos, uma teoria das ideologias baseia-se na história das formações sociais e, conseqüentemente, na história dos modos de produção destas formações e nas lutas de classes que ocorrem nelas, o que pode nos fazer pensar não haver possibilidade de uma teoria da Ideologia *em geral*, já que as ideologias neste duplo aspecto (regional e de classe) têm uma história cuja determinação situa-se fora das ideologias em si, embora as suponha. Entretanto, ao contrário disto, Althusser defende o projeto de uma teoria da Ideologia *em geral*. E se essa teoria é um dos elementos de dependência da teoria das ideologias existir, ele afirma que a *ideologia não tem história* ligando ainda este fato à expressão usada por Freud de que o inconsciente também é eterno, acreditando que a eternidade da ideologia e a eternidade do inconsciente podem ter uma relação.

Se eterno não significa transcendente a toda a história (temporal), mas onipresente, trans-histórico, e portanto imutável em sua forma e toda a extensão da história, adotarei a expressão de Freud palavra por palavra e escreverei: *a ideologia é eterna*, exatamente como o inconsciente. (ALTHUSSER, *ibid*, p. 125)

Desta forma, podemos ressaltar os dois aspectos do termo ideologia adotados e mostrar diferença entre *ideologias particulares* e *Ideologia em geral*: as *ideologias particulares* tem uma história própria, concreta, e são determinadas pela luta de classes; e a *Ideologia em geral* é a que sempre existirá e representa toda a *ideologia*. Por esta razão é que a ideologia é eterna e onipresente, pois atravessa tudo o que chamamos de história.

### **2.1.3. A Ideologia é mais real do que podemos “imaginar”**

Na intenção de se aproximar da sua tese central sobre a estrutura e o funcionamento da ideologia, Althusser apresenta duas teses. *A Ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência* é a primeira delas, na qual ele argumenta que é comum chamarmos a ideologia religiosa, moral, etc de “concepções de mundo”. Segundo o teórico, a menos que vivamos uma dessas ideologias como a verdade, admitimos que a ideologia que estamos discutindo de um ponto de vista crítico, são em grande medida imaginárias. Entretanto, admitimos que elas se refiram à realidade do mundo que está por trás desta representação imaginária e que só precisam ser interpretadas. Porém, esta interpretação é problemática. “Por que os homens ‘precisam’ desta transposição imaginária de suas condições reais de existência “para representar para si” condições reais de existência?”. (ALTHUSSER, *ibid*, p. 126)

A primeira resposta dada afirmava que uma representação falseada do mundo foi criada para escravizar mentes, e os responsáveis eram os Padres ou Déspotas, que forjaram mentiras para que os homens, acreditando que estariam obedecendo a Deus, obedecessem aos interesses destes padres. A segunda resposta foi a alienação material que impera nas condições de vida dos homens. Ambas foram tidas como falsas: “O que ‘os homens’ ‘representam para si’ na ideologia não são suas situações reais de existência, seu mundo real; acima de tudo, é sua relação com essas condições de existência que se representam pra eles na ideologia” (ALTHUSSER, *ibid*, p. 127). Desse modo, a Ideologia é vista em sua existência material, e temos a explicação da estrutura o funcionamento da Ideologia no campo das práticas, com rejeição à tese de que ela seja feita de ideias.



A Ideologia sempre existe num aparelho e em sua prática ou práticas, e esta existência é material, pois ela é feita de práticas regidas por rituais dentro de uma existência material de um aparelho ideológico, sempre expressando posições de classes. Até mesmo a representação idealista da ideologia é forçada a reconhecer que todo “sujeito” dotado de uma “consciência”, e acreditando nas “ideias” que ela o inspira, deve agir em coerência com essas “ideias”, e caso não seja assim, estará errado.

Ao portar-se de uma maneira reconhecida dentro de um aparelho ideológico, o sujeito em questão, ao se inserir neste aparelho em sua escolha livre, participa de práticas submetidas a regras, e passa a ser reconhecido como pertencente àquele aparelho. Um comportamento material e natural, que pode ser observado, por exemplo, no comportamento do sujeito operário em sua prática trabalhista, do sujeito religioso praticando rituais de devoção, etc.

#### **2.1.4. A Interpelação ideológica**

Esta prática material que descrevemos só pode existir através do sujeito. Althusser (ibid, p. 131) propõe então duas teses conjuntas: “Não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; e não existe ideologia, exceto de sujeitos e para sujeitos”. A Ideologia, e nas suas especificidades as ideologias particulares, permite que o homem seja visto como um ser ideológico, o sujeito. Ou seja, *a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*, pois age e funciona de maneira que recruta sujeitos entre os indivíduos, e isto inclui a todos. Portanto, você e eu somos *sempre já sujeitos*, antes mesmo de nascer.

Não obstante, que o indivíduo é sempre já sujeito, antes mesmo de nascer, é a simples realidade, acessível a qualquer um e nem um pouco paradoxal. Freud mostrou que os indivíduos são sempre “abstratos” em relação aos sujeitos que eles sempre já são, simplesmente observando o ritual ideológico que cerca a expectativa de um “nascimento”, esse “afortunado evento”. Todo mundo sabe o quanto e de que maneira uma criança ainda não nascida é esperada [...] Antes de nascer, portanto, a criança é sempre já um sujeito, apontada como tal na e pela configuração ideológica familiar específica em que é “esperada” depois de concebida. (ALTHUSSER, ibid, p. 134)

No processo de identificação, através da *evidência do sujeito* como único, a resposta: “Sou eu” à questão: “*Quem é?*” traz como evidente que “*eu sou a única pessoa que poderia dizer “eu” ao falar de mim*”. A evidência fica oculta porque o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito, que pratica constantemente os rituais do reconhecimento ideológico.

Dentro da sua própria prática o sujeito se reconhece e também é reconhecido. Vejamos o sujeito estudante - Ele só se reconhecerá, e será reconhecido por outros sujeitos como tal, se tiver o comportamento de frequentar a escola, fazer as atividades, andar fardado, usar material didático, etc. Se ele falhar nesta prática certamente se verá, e será visto, como alguém que não deseja estudar, ou seja, ele será *desconhecido* como estudante em sua prática.

Com efeito, é uma peculiaridade da ideologia, impor (sem aparentar fazê-lo, já que se trata de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos *deixar de reconhecer* e diante das quais temos a inevitável e natural reação de exclamar (em alta voz ou no silêncio da consciência): “É evidente! É isso mesmo! É verdade”. (ALTHUSSER, *ibid*, p. 132)

Quando um filho durante sua infância desobedece às ordens dos pais e sofre uma determinada penalidade, como uma palmada, por exemplo, isto ocorre porque *é evidente* que pelo fato dos pais serem adultos e terem a responsabilidade de disciplinar sua criança precisam usar uma linguagem que ela entenda para que se corrija. Sabemos disto porque o sujeito filho precisa ser corrigido e os sujeitos pais precisam corrigir, por entendermos que isto faz parte da prática familiar. E também *é evidente* que se estes pais gritarem e espancarem esta criança, eles serão *desconhecidos*, pela Formação Ideológica familiar, como pais.

Relacionado ao reconhecimento, é preciso ressaltar também que há o caso de reconhecimento entre os sujeitos e o Sujeito Único, Absoluto e Central. Na interpelação ideológica religiosa, jurídica, política e etc, a ideologia diz – ‘Isto é o que você deve fazer, e se não fizer estará errado’. Traduzindo, a ideologia se dirige aos indivíduos, a fim de transformá-los em sujeitos, livres para obedecer ou desobedecer aos mandamentos do Sujeito, sabendo que se não o fizerem serão penalizados.

Usemos como exemplo a prática religiosa. O sujeito se identifica em suas atividades de religioso (modo de vestir-se, de pensar, de se comportar, de cultuar etc.) e reconhece o Sujeito (Deus), ao qual se sujeita. Foi este Sujeito que determinou o que podia e devia ser feito para se alcançar as recompensas que o religioso acreditava que teria. Este sujeito, que é livre para obedecer ou desobedecer, sabe que aquele que não tiver a conduta estabelecida pelo Sujeito estará condenado a um castigo. O mesmo podemos ver que acontece com as leis - Atualmente estamos vivendo no Brasil um período onde existem movimentos em prol da legalização da maconha, entretanto ainda é crime consumi-la. Portanto, os sujeitos que são livres para obedecer ou não, e certamente serão ou penalizados se forem descobertos como usuários deste tipo de droga.

Concluimos que o termo sujeito abrange o sentido de: uma subjetividade livre, um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos; e um ser sujeitado, que se submete a uma autoridade superior, e é desprovido de qualquer liberdade, exceto de aceitar livremente sua submissão. O indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente aos mandamentos do Sujeito, sendo ele um *sempre já sujeito*.

## 2.2. O Discurso

Entrando na prática discursiva, na qual o sujeito do dizer é analisado, Pêcheux (1995) trabalha a problemática da teoria materialista dos processos discursivos, articulada na questão da reprodução/transformação das relações de produção.

Retomando as teses afirmativas de que *só há prática através de e sob uma ideologia*, e que *só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos*, vemos que ideologia e inconsciente “andam de mãos dadas” no momento da constituição do sujeito através *das evidências*.

... o caráter comum das estruturas-funcionamentos, designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior de seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 152)

De acordo com autor, é neste ponto preciso onde surge a necessidade de uma **teoria materialista do discurso**, que é essa evidência da existência espontânea do sujeito (como origem e causa de si).

Podemos, então, de agora em diante, afirmar que uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, com seus objetos teóricos, o “sujeito” ideológico como “sempre-já-dado: na verdade, e isso por razões imperiosas [...] essa teoria não pode, se deseja começar a realizar suas pretensões, dispensar uma *teoria (não-subjetivista) da subjetividade*. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 131)

A evidência do sujeito é então aproximada à outra evidência, a do sentido. O discurso será esta evidência. Assim, é possível compreender a construção de sentido produzida em cada discurso. E isto nos faz entender a necessidade de se considerar o lado histórico-social das Condições de Produção<sup>12</sup> deste dizer, que baseado numa luta de classes

---

<sup>12</sup> Termo explicado na página 39

não é indiferente à língua, uma vez que as classes a usam em sua luta, passando pelo que Louis Althusser chama de Aparelhos Ideológicos de Estado- AIE.

Por ora, uma teoria não-subjetivista da subjetividade pode ser compreendida pelo fato dos objetos e linguagem não se explicarem por si próprios, e existir um sujeito que apagará o que chamamos de *interdiscurso*<sup>13</sup> em seu dizer, e isto porque é levado pela ideologia a ter determinados comportamentos, através das práticas das transformações históricas. E quem promove este apagamento é a *forma-sujeito*: forma de existência histórica de qualquer sujeito, agente das práticas sociais.

Introduzindo o termo *a forma-sujeito do discurso* Pêcheux afirma, usando um exemplo para explicar o *caráter material do sentido*, que é a ideologia que designa o *que é e o que deve ser*, pois é ela que fornece as *evidências* pelas quais “todo mundo” sabe algo.

... É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo” sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 160)

Aqui, o teórico explica que o *caráter material do sentido* consiste na sua dependência do “todo complexo das formações ideológicas”. O que seria evidente para alguém fazer enquanto sujeito, sabemos que estará condicionado à sua formação ideológica, e o que seria evidente para alguém dizer enquanto sujeito, e como acontece o reconhecimento do sentido das mais variadas palavras, ou expressões, que este sujeito pode adotar, através da Formação Discursiva.

### 2.2.1. Formação Discursiva

Pela sua prática um sujeito pode ser reconhecido, e pelo seu dizer também. Assim compreendemos que todos os sujeitos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem. E isto está condicionado ao que é chamado de *pré-construído* proposto por P. Henry (apud, PÊCHEUX, *ibid*, P. 99), “...*O que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado.* Isto é, o *pré-construído* estabelece o sentido numa modalidade discursiva, pois ele é o efeito pelo qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado em

<sup>13</sup> Descrevemos o funcionamento do interdiscurso a partir da página 37

outro lugar independentemente. É através do pré-construído que esperamos que um sujeito se constitua de acordo com sua *Formação Discursiva*.

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc). (PÊCHEUX, *ibid*, p. 160)

Sendo assim, as palavras e expressões recebem seus significados dentro da formação discursiva em que são produzidas. Por ex: a expressão “*camarada, ou companheiro*” dentro de uma formação discursiva socialista ou comunista, recebe um sentido de “filiação”, ou alguém que está de acordo com as normas do partido, enquanto que esta mesma expressão pode significar apenas amizade na formação discursiva familiar.

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se referirem esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão, uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio” vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 161)

Desta mesma forma, se ao mudar de formação discursiva uma palavra pode ter seu sentido alterado, palavras diferentes podem dentro de uma formação discursiva ter o mesmo sentido. Isto ocorre porque o *processo discursivo* designa também o sistema de relações de substituição de termos através de *paráfrases* (quando o sujeito reproduz o dizer, com base em sua formação discursiva, de outra forma) e *sinomínias* (substituição de um termo por outro), que funcionarão como elementos linguísticos de uma formação discursiva dada.

O que Pêcheux denomina então de *domínios de pensamento* vem ser constituído sócio-historicamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito com aquilo que lhe é dado a ver, compreender, fazer, temer, esperar, etc. De acordo com a AD francesa, a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e onde o sujeito se reconhece (em si mesmo e em outros sujeitos). Porque enquanto sujeito inserido dentro de uma formação discursiva, ele reconhecerá o sentido de determinado discurso desta formação.

### 2.2.2. Em busca da autoria do Discurso – Interdiscurso

Uma das teses elaboradas por Pêcheux (1995) diz que toda formação discursiva dissimula o *interdiscurso*, ou *memória discursiva*, através do *intradiscurso*. Mas antes de entender este último, vejamos o que é interdiscurso:

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal que “algo fala” (ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob o complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 162)

Ou seja, toda formação discursiva encobre pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com o “todo complexo dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas. Este “todo complexo dominante” das formações discursivas é o *interdiscurso*, e ele está condicionado à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas. O interdiscurso é o que foi dito em outro lugar de forma independente.

O interdiscurso é identificado como: *pré-construído*, e *articulação ou processo de sustentação*, que fornecem ao sujeito a aparência de autonomia.

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu sentido sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação como sentido*, de modo que ela apresenta, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, *ibid*, p. 164)

Pêcheux observa ainda que, o *interdiscurso como discurso transverso* atravessa e põe em conexão elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece a “matéria prima” pela qual o sujeito se constitui em “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Este sujeito tende a absorver e esquecer o interdiscurso no intradiscurso. E o processo de articulação está em relação direta com o que Pêcheux chama de *discurso transverso*, designado por metonímia, em que a articulação provém da linearização do *discurso transverso* no *intradiscurso*, isto é o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que eu direi *depois*), ou seja, um conjunto de “co-referência” ou “fio do discurso”.

A partir de então, podemos entender que o *intradiscurso* é a criatividade do sujeito em seu modo de expressar-se ou produzir seu discurso, e é onde existe o eixo chamado de

*discurso transverso* que significa o elo do *interdiscurso* neste *intradiscurso*. O discurso de cada um é na verdade o discurso do outro. “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em ‘nossas’ palavras” (ORLANDI, 2005, p. 34).

Para entendermos melhor a questão da autoria discursiva precisamos lembrar que é a ideologia que faz a interpelação dos indivíduos em sujeitos, e ao fazer isto interpelando em sujeitos de seu discurso, este funcionamento ideológico acontece através do complexo das formações ideológicas, pelo *intradiscurso*. Assim, cada sujeito percebe “sua realidade”, e é aí que elementos do *interdiscurso* são reinscritos na fala do sujeito, que se considera autor de seu dizer através do processo de mascaramento.

É importante ressaltar também a questão do *desconhecimento*, que é fundado no *reconhecimento* caracterizado por Althusser (1985, p.137): “reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente reconhecimento de cada sujeito por si mesmo”. Para Pêcheux, é nesse reconhecimento que o sujeito esquece as determinações que o colocaram no lugar que ocupa.

Neste processo acerca da originalidade do dizer, com base em Freud, Pêcheux aborda então dois tipos de esquecimentos relacionados ao discurso, utilizando oposição entre “sistema pré-consciente-consciente” e “*sistema inconsciente*”: o *esquecimento número 2*, que é aquele pelo qual o sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina formas e sequências que nela se encontram em relação de *paráfrase*; e o *esquecimento número 1*, aquele que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode se encontrar no exterior da Formação Discursiva que o domina.

Para os propósitos da AD francesa, o *pré-consciente* caracteriza então, a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente). Daí fica claro que todo discurso é ocultação do não-dito.

Tudo o que foi exposto nos faz concluir que é a Formação Discursiva na qual o sujeito está inscrito que determinará o que ocorre enquanto se fala/escreve. Pois esta Formação Discursiva faz a *forma-sujeito* inserir o que denominamos de *interdiscurso*-formulações feitas anteriormente e já esquecidas, que determinam o que dizemos- no *intradiscurso*, ou seja, vai introduzir o que já foi dado em outro lugar independentemente e utilizar no *intradiscurso*, que é a autonomia do sujeito para fazer a construção do seu dizer. Ressaltando o fator do ‘apagamento’, concluímos também que as evidências de sujeito apagarão o fato de que ele resulta de uma interpelação, enquanto a evidência de sentido não nos deixará perceber o seu caráter material. Por fim, conforme mencionamos anteriormente,

para que se possa entender a construção de sentido produzida em cada discurso, é preciso que se considere o seu lado histórico-social através das Condições de Produção.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista tem de aprender. (ORLANDI, 2005, p. 32)

### **2.2.3. Condições de Produção do Discurso (CP)**

Condições de Produção do Discurso podem ser compreendidas como as circunstâncias que mostram o fato do sentido do dizer não estar apenas nas palavras ou nos textos, mas em um contexto sócio-histórico e ideológico, que determinam esta enunciação em que o sentido do discurso se materializa.

Conceito fundamental para o analista do discurso, se as Condições de Produção (CP) não forem consideradas no momento da análise, certamente a interpretação do enunciado em questão será pouco fundamentada, ou superficial, pois sem o conceito de CP o discurso não pode ser entendido em sua totalidade. “As condições de produção são formas concretas pelas quais o discurso é influenciado a ser de uma determinada forma” (SILVA, 2003, p. 32), ou seja, são as Condições de Produção que fazem com que o discurso seja o que é.

As CPs estão divididas teoricamente para o analista, mas não na prática, em dois níveis: no contexto imediato- circunstâncias visíveis do enunciado, e no contexto mais amplo- a relação do discurso com sua historicidade e com sua memória. Conforme diz Orlandi (2005, p.30), “as Condições de Produção envolvem o sujeito, a situação e a memória (interdiscurso)”, entendemos, portanto, que esta memória discursiva irá acionar efeitos de sentido que afetam o modo como o sujeito compreenderá situação discursiva dada. Por isto, tanto contexto imediato quanto o amplo precisam ser considerados no momento da análise.

É, pois, com base na teoria apresentada que pretendemos analisar os discursos evocados na entrevista intitulada por “Vocês não entendem a China”, que foi concedida pela jornalista chinesa Xinran Xue à revista Veja em 2009, ocasião em que a Xue esteve no Brasil para lançar o livro ‘Testemunhas da China’.

Na nossa análise temos dois sujeitos principais: Xue- que cresceu na China durante a Revolução Cultural Proletária, tornando-se tempos depois uma jornalista conhecida internacionalmente, atraindo a atenção da Veja por conta do lançamento de uma de suas obras no Brasil e concedendo assim a entrevista que analisaremos, na qual a escritora aborda pontos



da China atual e da China da infância e juventude dela; e temos o sujeito Veja- cuja entrevistadora dá eco à voz de política direitista do periódico, e se posicionará de acordo com a formação discursiva jornalística inerente a revista.

Desejamos entender, portanto, como o veículo e a entrevistada discutem a respeito de política, economia e cultura, analisando ‘os ditos e os não-ditos’ do diálogo.

## CAPÍTULO 3. ALÉM DO QUE ESTÁ ESCRITO

### 3.1 Aspectos Metodológicos de análise

Neste capítulo realizaremos a análise do material que constitui o Corpus de nossa pesquisa: a entrevista concedida por Xinran Xue à Revista Veja, na versão digital encontrada em <http://veja.abril.com.br/220709/voces-nao-entendem-china-p-017.shtml>, e também publicada na versão impressa em 22 de julho de 2009, de edição 2122.

Nos procedimentos utilizados iniciamos com a escolha da entrevista. Usamos apenas uma, porque foi a única veiculada com relação à Xinran Xue na revista Veja. Além do fato de acreditarmos que este diálogo seja suficiente para nossa compreensão sobre as perspectivas do discurso político e do discurso cultural com relação à China, tanto da Veja quanto de Xue.

Durante a análise, dividimos em enunciados (E1 e E2) o título e os dois primeiros trechos produzidos pela revista acerca da entrevistada. Em seguida, as perguntas e respostas da entrevista também foram divididas de E3 a E16. Esses enunciados, que são recortes discursivos selecionados de forma que efeitos de sentido possam ser detectados, receberam um recuo a mais que o parágrafo normal e estão com espaçamento simples para facilitar nossa compreensão.

Dentro das análises usamos o recurso *itálico* na fonte para mencionar partes copiadas literalmente dos enunciados, as quais consideramos importante enfatizar. Também utilizamos o **negrito** para destacar alguns termos retirados destes enunciados para designar expressões que achamos importantes chamar a atenção.

Sempre que usamos a expressão ‘governo atual’ ou algo semelhante, estamos nos referindo ao período em que a entrevista foi concedida: Julho de 2009. Contudo o partido comunista continua no poder até os dias atuais de 2012, mas Hu Jintao sairá da presidência chinesa no início de 2013, e entregará o poder para Xi Jinping, que também fiel aos princípios do comunismo chinês.

Nosso Corpus de Pesquisa foi analisado na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, e recorreremos aos conceitos para a prática de análise de: Formação Discursiva, Interdiscurso, e (CP) Condições de Produção do discurso.

Desejamos, portanto, interpretar o discurso que perpassa os dois sujeitos da entrevista escolhida para a análise: Veja, em que fazendo eco a voz da revista está a jornalista Taís Oyama e Xinran Xue, a entrevistada.

### 3.1.2. O dito e o não-dito

Percebemos na análise dos enunciados que existe um embate entre os sujeitos envolvidos. As opiniões demonstram-se divergentes, o que caracteriza os discursos sustentados por ambas. Este embate constatado ficará mais evidente nos enunciados seguintes.

#### E1 – VEJA – “**Vocês não entendem a China**”

A escritora que criou um programa de rádio para mostrar os problemas das mulheres chinesas diz que o mundo critica seu país sem levar em conta suas raízes culturais.

Em E1, dentro do discurso jornalístico, presente logicamente, já é apresentando um viés do que será a entrevista.

A revista Veja no título dá voz a entrevistada para que a frase “*Vocês não entendem a China*” seja expressada como autoria da Xinran. Em outras palavras, tendo que ser imparcial por causa da Formação Discursiva jornalística, a revista usa o título dando eco à sua própria voz, ressoando um discurso anticomunista, e fazendo com que um conceito de aprovação acerca do universo chinês na atualidade seja confrontado. Pelas Condições de Produção do discurso, sabemos que a China com seu governo ainda comunista tem mostrado nos últimos anos um crescimento econômico de relevância mundial; e, ocultado no título da entrevista já podemos observar essa contrariedade ao entendimento de desenvolvimento chinês, que sustenta o discurso anticomunista do veículo. Sendo assim, este discurso produz o efeito de sentido de que o desenvolvimento chinês está errado, ou seja, a voz apresentada é oposta a esta imagem de crescimento porque na verdade **não entendemos a China**. O “*Vocês*” é o direcionamento dado pela revista e seu discurso ao público, consolidando o engano de que a China se desenvolve positivamente.

Por fim, Veja apresenta Xinran como alguém que age em defesa das mulheres Chinesas, “*A escritora que criou um programa de rádio para mostrar os problemas das mulheres chinesas*”, ressaltando a importância que a escritora dá às raízes culturais da China: “... *diz que o mundo critica seu país sem levar em conta suas raízes culturais*”. O não dito desta parte do enunciado é que, citando isto, a revista quer reforçar o fato da frase do título ser exclusivamente de Xue, além de acionar o efeito de sentido de negativismo no sentido de que a China, especialmente as suas mulheres, têm problemas por conta de raízes culturais do país.

E2 – VEJA – Por quase uma década, Xinran Xue, hoje com 51 anos, recebeu mais de uma centena de cartas tristes por dia. Apresentadora de um programa de rádio voltado para mulheres, ela tornou-se depositária de ouvintes que lhe confiaram suas pequenas e grandes tragédias – abafadas, quando não provocadas, pelos anos de totalitarismo comunista. Algumas dessas experiências, Xinran havia sofrido na própria pele: seus pais foram presos durante a Revolução Cultural e ela passou a infância num quartel da Guarda Vermelha. Em 2002, publicou seu primeiro livro: *As Boas Mulheres da China* (lançado no Brasil pela editora Companhia das Letras), que reúne histórias que não puderam ir ao ar e outras que ela colheu em entrevistas – sempre feitas com uma única unha pintada de vermelho. "As chinesas não gostam de falar de sua vida. Mas são curiosas, e a unha vermelha sempre inicia uma conversa", explica. De passagem pelo Brasil, Xinran falou a VEJA.

Com o intuito de mostrar uma rápida biografia da entrevistada, Veja aciona um discurso político anticomunista no recorte E2, dando ênfase no conteúdo “*das centenas de cartas tristes*” recebidas diariamente no programa da Xinran. Ao dizer que algumas dessas histórias não puderam ir ao ar, a revista está produzindo o efeito de sentido que leva o leitor a pensar que a China comunista controla a mídia. Promovido como um sistema político que abafa e provoca, intencionalmente, tragédias, “...*pequenas e grandes tragédias – abafadas, quando não provocadas, pelos anos de totalitarismo comunista*”, este enunciado pelo sintagma “*anos de totalitarismo*” aciona a comparação do comunismo com regimes ditatoriais da Segunda Guerra Mundial, como o nazista alemão, ou fascista italiano por exemplo, reforçando a paráfrase discursiva do sistema comunista associado ao totalitarismo, o que reforça seu discurso anticomunista.

Continuando, a afirmação contida no E2 sobre Xinran de que “*Apresentadora de um programa de rádio voltado para mulheres, ela tornou-se depositária de ouvintes que lhe confiaram...*”, remete a um dizer, em que o termo **depositária** interdiscursivamente responsabiliza alguém por guardar, esconder, camuflar documentos importantes. Enfim, apontar alguém digno da confiança dos que o procuram. Desta forma, o sentido manifestado neste trecho é de um discurso político em que a China é perseguidora, e Xue guardou muitos segredos e tragédias ocultados pelo governo chinês, pois ela seria a **depositária**. O E2 aborda também a infância da Xinran no quartel da Guarda Vermelha, fato que aconteceu porque os pais dela estavam presos. Veja aciona então neste enunciado o dito, que é a biografia da Xinran Xue. O não-dito é o negativismo, ou o discurso anticomunista.

**E3 – VEJA – Para escrever seu mais recente livro, Testemunhas da China, a senhora esteve diversas vezes na província de Xinjiang, onde quase 200 pessoas morreram nas últimas semanas em decorrência de conflitos**

**étnicos. Como é a convivência entre os han (etnia majoritária na China) e os uigures (etnia majoritária em Xinjiang)?**

XINRAN XUE – Atualmente, há muitos casais han-uigur, como resultado da política de governo que estimulou a migração de chineses han para a região. Mas as duas etnias são culturalmente muito diferentes. Os uigures sentem-se mais identificados com os muçulmanos dos países vizinhos do que com o resto da China. Têm uma mentalidade tribal, enquanto os han estão mais conectados à família. Honestamente, nós não os entendemos muito bem. Acho que nunca tentamos. É um pouco parecido com a maneira como o Ocidente enxerga o Oriente.

No E3 acontece o início da entrevista, onde irrompe um discurso jornalístico e cultural ao ser abordado pela Veja conflitos étnicos entre os Han e os Uigures.

A resposta da Xinran começa com um discurso político contrário ao governo vigente, pois segundo ela a política adotada para as etnias não foi boa. Acionando também um discurso cultural, Xue afirma que os Han e Uigures são muito diferentes: *“Atualmente, há muitos casais han-uigur, como resultado da política de governo que estimulou a migração de chineses han para a região. Mas as duas etnias são culturalmente muito diferentes”*. A escritora chinesa também assumiu em sua fala um discurso religioso anti-islâmico ao usar o termo muçulmanos, em destaque na citação: *“Os uigures sentem-se mais identificados com os **muçulmanos** dos países vizinhos do que com o resto da China. **Têm uma mentalidade tribal**, enquanto os han estão mais conectados à família”*, e as Condições de Produção mostram que esta mentalidade tribal estaria ligada a um atraso do pensamento dos muçulmanos. Por outro lado, Xinran se identifica com a etnia Han ao dizer *“nós não os entendemos muito bem”*, em que o termo ‘nós’ a liga aos Han. Portanto, os responsáveis pela morte das 200 pessoas referidas na pergunta da jornalista do periódico seriam os uigures, pois os han, *conectados com a família*, seriam mais sociáveis. Continuando em seu discurso cultural, Xinran no E3 encerra sua resposta dizendo que o ocidente não entende bem o oriente, assim como os han e os uigures. Pois se os Han não entende os Uigures, e estes últimos são mais “tribais”, a palavra ‘tribais’ aciona o efeito de sentido de primitivismo. Portanto, na simetria adotada ocidente também seria mais evoluído do que o oriente, que por sua vez estaria em uma situação mais primitiva, o que se confirma no E4.

**E4 – VEJA – Não seria a maneira como o Ocidente enxerga a China?**

XINRAN XUE – Não estou falando só da China. Acho que há desconhecimento também em relação ao Japão, à Coreia do Sul, a Cingapura, à Malásia – lugares que têm as mesmas raízes culturais que a China. Ainda que em países como o Japão e a Coreia do Sul você enxergue um verniz ocidental, se você entrar nas casas dos japoneses e dos coreanos, verá que não existe

igualdade de direitos entre homens e mulheres e que eles não assimilaram preceitos democráticos. Pergunte a um japonês se é possível questionar o imperador. Pergunte a um sul-coreano se uma filha pode contrariar o pai. Pergunte em Cingapura se alguém pode contestar o governo. Também no regime chinês, há aspectos que não são políticos, mas culturais.

Veja sempre procura tratar da questão política e econômica, enquanto Xinran prefere abordar o viés cultural, o que expressa os seus discursos. E já num embate de opiniões, o E4 mostra que a revista discorda da opinião da escritora de que o ocidente não entende bem o oriente: “*Não seria a maneira como o Ocidente enxerga a China?*”. Entretanto, a formação discursiva jornalística não permite que a entrevistadora não concorde com a entrevistada, porém em forma de pergunta a discórdia pôde ser constatada.

Xinran fundamenta então sua posição com um discurso feminista ao falar sobre igualdade de direitos entre homens e mulheres não existir também em outros países do oriente: “*Ainda que em países como o Japão e a Coreia do Sul você enxergue um verniz ocidental, se você entrar nas casas dos japoneses e dos coreanos, verá que não existe igualdade de direitos entre homens e mulheres e que eles não assimilaram preceitos democráticos*”. Nesta parte do enunciado também é evocado o lado econômico, pois Japão, Coreia do Sul, Malásia e Cingapura são economicamente capitalistas, porém culturalmente apresentam peculiaridades assim como a China, “*Também no regime chinês, há aspectos que não são políticos, mas culturais*”, reforçando assim a escritora o seu discurso cultural. Em continuidade, as expressões ‘verniz ocidental’ e ‘preceitos democráticos’ reforçam o discurso veiculado no E3. O verniz na pintura é uma camada muito fina levemente aplicada sobre a superfície. Assim, Xue aciona essa ideia de atraso ou primitivismo do oriente em relação ao ocidente. Desse modo, o discurso cultural é bem sublinhado.

**E5 – VEJA – Mas em nenhum desses países tais comportamentos implicam as consequências que têm na China.**

XINRAN XUE – Concordo. Não existe liberdade de religião na China, não existe liberdade de expressão, não existe liberdade de imprensa. Nosso sistema jurídico está longe de ser independente e os direitos individuais mais básicos são desrespeitados. Mas não se pode esquecer que a China perdeu 100 anos por causa da guerra civil e do ideário comunista. Não podemos simplificar a história. Quando vemos uma árvore cujas folhas estão machucadas e cujos galhos estão doentes, não basta dizer: vamos limpar as folhas e os galhos. É preciso lembrar que essa árvore tem raízes, ainda que não possamos vê-las. É preciso tempo para que as coisas mudem.

Podemos observar que o embate de opiniões se mantém durante o E5, “*Mas em nenhum desses países tais comportamentos implicam as consequências que têm na China*”. Assim, o periódico tenta sempre destacar o lado negativo da China no diálogo, sobretudo quando afirma que no Japão, Cingapura, Malásia ou Coreia do Sul as penalidades aplicadas pela família e pelo governo são diferentes da chinesa, e isto dá eco ao discurso da Veja de que o ocidente não entende exclusivamente a China, e não o oriente por completo. Ao não concordar com a Xinran, o que não está dito no texto é que a Veja quer se concentrar apenas no viés negativo da história chinesa.

Neste E5, Xinran com um discurso democrático faz sobressair aspectos de políticas do governo chinês atual, supostamente anti-democráticos, usando com muita repetição a palavra liberdade e o verbo existir sempre no presente, “*Concordo. Não existe liberdade de religião na China, não existe liberdade de expressão, não existe liberdade de imprensa. Nosso sistema jurídico está longe de ser independente e os direitos individuais mais básicos são desrespeitados*”.

De acordo com as Condições de Produção, a escritora também se refere aos 100 anos da guerra civil entre nacionalistas e comunistas, mobilizando assim um discurso anti-revolucionário, afirmando que este tempo foi perdido para a China, “*Mas não se pode esquecer que a China perdeu 100 anos por causa da guerra civil e do ideário comunista*”, produzindo o efeito de sentido também acerca dos dias de 2009, pois esses 100 anos repercutem no governo atual também, devido ao conflito diplomático entre a China e Taiwan. Em 1911, as forças nacionalistas derrotaram a última dinastia chinesa: a Qing. Em seguida conquistaram o governo chinês. Porém ao serem derrotados pelo partido comunista de Mao Tsé-Tung em 1949, os nacionalistas liderados por Chiang Kai-shek se exilaram na ilha de Taiwan. As influências nacionalistas permaneceram, e eles tiveram ajuda militar e econômica norte-americana. Desta forma em 2009, quando Xinran concedeu a entrevista, Taiwan e China eram também parte do foco dos 100 anos citados pela escritora.

No mesmo enunciado, a jornalista chinesa aciona um discurso poético: “*Não podemos simplificar a história. Quando vemos uma árvore cujas folhas estão machucadas e cujos galhos estão doentes, não basta dizer: vamos limpar as folhas e os galhos. É preciso lembrar que essa árvore tem raízes, ainda que não possamos vê-las. É preciso tempo para que as coisas mudem*”. O trecho “*vamos limpar as folhas e galhos*” remete a uma suposta limpeza numa árvore que tem suas raízes, assim sendo, isto não seria desenvolvimento, mas apenas mudanças na aparência. Portanto, este dizer aponta para as mudanças infraestruturais que estavam acontecendo em várias cidades chinesas através da política governamental

vigente. Somando ao sentido emergido anteriormente, do discurso de Xue sobre a anti-democracia, temos no conjunto um não-dito de que, para Xinran, o governo atual não é bom, e não demonstra interesse pelo passado chinês.

**E6- VEJA- A senhora quer dizer que é cedo demais para que a democracia chegue à China?**

XINRAN XUE – Vou repetir uma lição que recebi de uma camponesa de Hunan, região onde nasceu Mao Tsé-tung. Entrevistei-a em 1995, quando já era jornalista, achava que sabia tudo, mas na verdade era ainda muito ingênua. A mulher trabalhava num campo de arroz. Perguntei a ela o que escolheria se eu lhe oferecesse três coisas: liberdade e democracia; marido e filhos; ou terra e dinheiro. Ela me olhou como quem diz: "Ah, você está tentando me enganar!". Respondeu que terra e dinheiro pertencem aos homens, não às mulheres. Sobre marido e filhos, disse: "Marido é quem manda em tudo e os filhos são a minha rotina", querendo dizer que aquilo ela já tinha. Então, perguntou: "Mas quanto é a garrafa de liberdade?". Eu fiquei atônita: "Como assim?". Ela repetiu: "Quanto custa essa garrafa de óleo que você quer vender?". Foi aí que eu entendi: em chinês, a pronúncia da palavra óleo (you) é muito parecida com a de liberdade (ziyou). Ela achou que eu estava querendo lhe vender óleo.

Vemos que no E6 permanece o embate entre o veículo de comunicação e Xinran. Na pergunta, "*A senhora quer dizer que é cedo demais para que a democracia chegue à China?*", a Veja questiona, em reprimenda, mostrando que a democracia seria uma urgência, e contrariando a resposta do E5 de que as mudanças levam tempo, "*É preciso tempo para que as coisas mudem*". O discurso da revista no E6 é democrático de caráter urgente.

A escritora concede resposta acionando um discurso familiar, constatado, a princípio, pela contribuição interdiscursiva da palavra 'lição', que indica o fato de alguém aprender enquanto outro alguém ensina: "*Vou repetir uma lição que recebi de uma camponesa...*". Este discurso também pode ser verificado quando ela diz: "*achava que sabia tudo, mas na verdade era ainda muito ingênua*". Isto pressupõe que a partir do diálogo com uma camponesa que Xinran conheceu, de alguma forma ela não seria mais ingênua. Levando em consideração o interdiscurso e as Condições de Produção, no discurso familiar os mais novos aprendem com os mais velhos, e é próprio do discurso de quem é mais novo achar que sabe de tudo, quando na verdade não sabe.

Também, a escritora oferece através de uma simulação de venda condições de vida em escolhas: "*liberdade e democracia; marido e filhos; ou terra e dinheiro*", que para a jornalista, seriam coisas desejáveis para uma pessoa do campo. Entretanto, na fala da camponesa que Xinran usa, há muito forte a presença do discurso familiar, "*Marido é quem manda em tudo e os filhos são a minha rotina*". Baseando-nos no encontro entre Xinran e a



camponesa, sabemos que dentro da cultura chinesa, sobretudo no campo, a mulher desenvolvia esse papel de abnegação em prol da família, portanto, ainda que se pudesse pensar que este discurso da camponesa fosse machista, de modo algum este discurso poderia ser analisado neste viés, pois aquela senhora do campo não entendia tal conceito. A vida de dedicação à família seria algo totalmente comum, desta forma, terra e dinheiro pertenceriam aos homens, e Xinran não poderia vender isto. “*Então, perguntou: ‘Mas quanto é a garrafa de liberdade?’*. *Eu fiquei atônita: ‘Como assim?’*. *Ela repetiu: ‘Quanto custa essa garrafa de óleo que você quer vender?’*; a última opção que restou para aquela senhora do interior, foi a liberdade, e o próprio fato do interesse da camponesa no ‘óleo’, que na verdade seria ‘liberdade’ também faz irromper um discurso cultural da rotina doméstica, pois este item alimentício geralmente é usado na cozinha, o que denota este cotidiano doméstico. As palavras ‘óleo’ e ‘liberdade’ foram confundidas porque em chinês elas têm pronúncia parecida, assim, a camponesa optou pelo conceito mais simples, visto que falta-lhe preparo educacional. Assim, o não dito deste trecho de Xue é que falta à China educação, sobretudo na região que Mao-Tsé-Tung nasceu, uma vez que o encontro com a camponesa foi lá, fato que Xinran faz questão de mencionar no início de sua resposta “... *uma camponesa de Hunan, região onde nasceu Mao Tsé-tung*”.

**E7 – VEJA – Quando ela entendeu que a senhora se referia a liberdade, o que achou da oferta?**

XINRAN XUE – Mas ela não entendia essa palavra! Eu tive de explicar-lhe o que era e o fiz da forma que considere mais simples. Disse algo como: "Bem, liberdade é você ter o direito de contrariar o seu marido quando você acha que ele fez algo errado. Liberdade é você ter o direito de dizer: ‘Eu quero algo para mim, não para o meu marido ou para os meus filhos – um vestido bonito, uma comida gostosa ou um dia de descanso’". Achei que, colocando desse modo, ela fosse entender. Em vez disso, olhou para mim e respondeu: "Que mulher tola você é! Isso não existe". Eu falei sobre liberdade, que é uma palavra muito mais fácil. Imagine se eu tivesse falado sobre democracia...

No E7, Xinran Xue assume um discurso educacional e didático, pois ela se coloca na condição de professora para mostrar o que seria liberdade para aquela camponesa, “*Eu tive de explicar-lhe o que era e o fiz da forma que considere mais simples*”. Entretanto, Xue concluiu que se aquela mulher não consegue elucidar o que seria liberdade, devido à incompreensão do termo na explicação dada, seria muito mais difícil fazer com que a senhora de Hunan entendesse o conceito de democracia, justificando o dito do E5 de que as mudanças na China precisam de tempo.

Ao tentar explicar a liberdade, Xinran faz irromper um discurso feminista, que pode ser observado através das expressões em negrito do seguinte trecho: “*Bem, liberdade é você ter o direito de **contrariar o seu marido** quando você acha que ele fez algo errado. Liberdade é você ter o direito de dizer: ‘Eu quero algo para mim, **não para o meu marido ou para os meus filhos** – um vestido bonito, uma comida gostosa ou **um dia de descanso**’*”, no qual a escritora põe em relevo um papel da mulher contrário à família patriarcal. Tal explicação não é compreendida pela mulher do campo, que por sua vez afirma para a jornalista que este conceito de liberdade era algo irreal: “*Que mulher tola você é! **Isso não existe***”, reforçando assim a camponesa o seu discurso familiar.

**E8 – VEJA – Dito assim, parece que a democracia é algo que o Ocidente tenta impingir aos chineses, sem que eles queiram.**

XINRAN XUE – Não, não. Eu concordo totalmente com a ideia ocidental de liberdade e democracia e sei que nós precisamos disso. Mas a questão é que há trinta anos esse conceito não existia na China. Os atuais governantes não foram educados à luz desse conceito. O mesmo se pode dizer dos professores. É ainda muito recente a geração de professores que aprendeu inglês e, portanto, tem acesso a pontos de vista do Ocidente. Acredito que, às vezes, os ocidentais cometem o mesmo erro que os governantes chineses, que pensam que basta modernizar as ruas para modernizar o país.

Em E8, o questionamento da Veja produz um efeito de sentido que responsabiliza a Xue, através do “*dito assim*”, de achar que o governo chinês deve permanecer com uma “*não-democracia*”. Neste ponto, Xinran assume o mesmo discurso da revista, concordando que os chineses precisam da democracia. Na resposta, permanece a ênfase do discurso educacional em um foco de democracia e de tempo para essa realização: “*Mas a questão é que há trinta anos esse conceito não existia na China. Os atuais governantes não foram educados à luz desse conceito*”. Mas por outro lado, Xinran usa um discurso cultural em contraposição ao viés econômico que a Veja tenta abordar “*Acredito que, às vezes, os ocidentais cometem o mesmo erro que os governantes chineses, que pensam que basta modernizar as ruas para modernizar o país*”. Desta forma, há um reforço neste enunciado no que foi já visto no E5, pois para Xinran, a modernidade proporcionada pelo governo atual não reflete a China por completo, e isto também se daria da mesma forma no ocidente.

**E9 – VEJA – A senhora mora desde 1997 na Inglaterra. Não tem problemas para entrar na China?**

XINRAN XUE – Tenho muitos problemas. Recentemente, eles deram um visto de dois anos a meu marido, que é inglês, e negaram o visto para mim. Isso me

doeu muito. Quando finalmente consegui o visto, em novembro do ano passado, uma oficial chinesa tentou me barrar na alfândega. Ela abriu meu passaporte e disse: "Por que você é contra a China? Eu vi você na BBC, e a BBC odeia a China". Eu lhe perguntei se havia entendido o que eu dissera na TV e ela respondeu que isso não importava: o que importava é que eu não deveria ter falado com pessoas que odeiam a China.

A resposta da Xinran Xue colabora com o discurso anticomunista da revista Veja, pois a pergunta feita é na verdade um pedido que a entrevistada confirma em sua fala. O que foi dito sugere apenas um discurso cultural, além de haver também um estranhamento com relação à Xinran, que mesmo sendo chinesa teve seu visto, a princípio, negado para entrar na China; enquanto seu esposo, sendo inglês, conseguiu o visto de dois anos. O não-dito faz suscitar o foco da pergunta e acaba sendo um discurso político anti-governamental, que evoca o sentido de repressão no governo comunista. Este viés anti-governamental pode ser percebido pelo fato da autorização do visto de passaporte ser uma questão institucional, e pela ênfase que Xinran dá à **'oficial chinesa'**, representante do governo chinês, que tentou barrar a escritora na alfândega: *"Por que você é contra a China? Eu vi você na BBC, e a BBC odeia a China". Eu lhe perguntei se havia entendido o que eu dissera na TV...."*. Sabemos que o discurso totalitário é contrário à imprensa, e, como a oficial da alfândega, representante do governo, repudia Xinran por ela haver concedido entrevista à BBC, o não-dito é que o governo chinês não quer que a China seja exposta em outros países.

**E10 – VEJA – A senhora resolveu deixar seu país num momento em que apresentava um programa de rádio de enorme sucesso, no qual era permitido que centenas de chinesas falassem pela primeira vez de seus problemas. O que motivou a decisão?**

XINRAN XUE – Ouvir aquelas mulheres e acompanhar o desenrolar de suas histórias, muitas vezes trágico, deixou-me emocionalmente exaurida. Fiquei doente, tinha de tomar remédios para dormir. Os telefonemas, os relatos de abusos, os suicídios, as cartas de suicídio que elas deixavam para mim... Eu me sentia tão impotente! Ainda tenho aquelas vozes na minha cabeça. Aqui no Brasil, encenaram capítulos do meu livro *As Boas Mulheres da China*. Apesar de as atrizes falarem em português, uma língua que não entendo, o que eu ouvia eram as mulheres chinesas chorando. Isso me aniquila. Sei que é porque eu misturo o sofrimento delas com a minha própria história. Diante da encenação, não consegui me controlar. Normalmente, consigo – ao menos durante o dia. Mas, à noite, os pesadelos voltam.

Agora acontece o retorno do embate entre Veja e Xue. Em questionamento à saída da Xinran de sua terra natal numa época que ela tinha acesso às histórias de centenas de mulheres chinesas, na pergunta o periódico quer sugerir que um meio de comunicação não

seria algo digno de ser deixado de lado, “A *senhora resolveu deixar seu país num momento em que apresentava um programa de rádio de enorme sucesso...*”. Na resposta, justificando sua saída da China, a escritora traz um discurso social em que ela se coloca como alguém que carrega um peso psicológico, com o qual não soube lidar. Ora pela questão educacional, e ora pela questão da psicologia, Xinran tenta representar as mulheres chinesas demonstrando ter recebido um grande fardo emocional, constatado nos trechos: “*Eu me sentia tão impotente!*” e “*Isso me aniquila*”. Isto também é reforçado quando ela diz: “*Ainda tenho aquelas vozes na minha cabeça*” e “*eu misturo o sofrimento delas com a minha própria história*”. Em seguida, a jornalista chinesa afirma que tem pesadelos noturnos, e o efeito de sentido evocado aqui é de um discurso totalitário, causado pelo terror que ela tem em suas memórias.

#### E11 – VEJA – **Que tipo de pesadelo a atormenta?**

XINRAN XUE – São tantos... Durante a Revolução Cultural, meus pais foram presos, acusados de ser capitalistas porque haviam trabalhado com estrangeiros e falavam inglês. Os guardas vermelhos entraram em casa e fizeram uma fogueira com tudo o que diziam ser "reacionário" ou "burguês": livros do meu pai, meus brinquedos e até minhas tranças./ Eu usava duas tranças, amarradas com fitas. A guarda gritou que era um penteado burguês. Cortou-as e jogou-as no fogo também. Depois disso, fui levada, com meu irmão mais novo, para um quartel da Guarda Vermelha. Vivi lá por seis anos e meio. Como nossos pais eram considerados reacionários, éramos chamados de "crianças negras" e não podíamos brincar com as outras. Dormíamos no chão. Muitas noites, os guardas vinham, no escuro, pegavam uma criança e a levavam para o quarto ao lado. Era a hora dos abusos, dos espancamentos... Eu ouvia o choro e os gritos e ficava tão assustada que meu corpo todo tremia. A cada noite eu achava que seria a minha vez. Era aterrorizante. Acho que escapei porque era muito pequena. Até hoje, quando meu marido está viajando, não durmo sem colocar minha bolsa, minhas chaves, tíquetes de avião, qualquer coisa assim, ao lado da cama. Faço isso para não entrar em pânico quando acordar no meio da noite – para lembrar que não estou mais lá e quem eu sou agora. Não consigo me livrar disso. Procurei psicólogos, mas não funcionou. Acho que eles eram ocidentais demais para me entender.

Este texto da Xinran, essencialmente, aborda um discurso político anti-revolucionário, associando a Revolução Cultural chinesa ao totalitarismo. Fato que, se atentarmos para as Condições de Produção, sabemos que na época no nazismo alemão existiram algumas semelhanças com o que Xue relata também ter ocorrido na China. Tal como houve prisões e queimas de literaturas consideradas de influência burguesa durante a Revolução Cultural, o regime de Hitler também prendeu os judeus em campos de concentração e queimou obras literárias estrangeiras, por isto há um efeito metafórico na resposta de Xue: “*Durante a Revolução Cultural, meus pais foram presos, acusados de ser*

*capitalistas porque haviam trabalhado com estrangeiros e falavam inglês. Os guardas vermelhos entraram em casa e fizeram uma fogueira com tudo o que diziam ser "reacionário" ou "burguês": livros do meu pai, meus brinquedos e até minhas tranças...*". As expressões em destaque: ‘meus pais foram presos’, ‘estrangeiros’, ‘falavam inglês’ ‘fogueira’ e ‘livros’ produzem então efeitos de sentido que remetem a este discurso totalitário.

Ainda reforçando esta ideia, vemos no E12 o corte das tranças, “*A guarda gritou que era um penteado burguês. Cortou-as e jogou-as no fogo também*”, evocar a imaginário discursivo de quando os judeus apareciam com a cabeça raspada nos campos de concentração, contribuindo para a visão totalitarista da Revolução Cultural.

Continuando, sabemos que o racismo era algo próprio do cotidiano totalitarista nazista que pregava a superioridade da raça ariana pura. Portanto, na expressão “crianças negras” do trecho: “*Depois disso, fui levada, com meu irmão mais novo, para um quartel da Guarda Vermelha [...] Como nossos pais eram considerados reacionários, éramos chamados de "crianças negras" e não podíamos brincar com as outras*”, encontramos um efeito de sentido que interdiscursivamente também remete à separação racial nazista.

Na expressão em que Xue descreve o que acontecia durante as noites no Quartel da Guarda Vermelha: “*Muitas noites, os guardas vinham, no escuro, pegavam uma criança e a levavam para o quarto ao lado. Era a hora dos abusos, dos espancamentos... Eu ouvia o choro e os gritos e ficava tão assustada que meu corpo todo tremia*”, percebemos o reforço do conceito totalitarista da Revolução, sobretudo através das palavras destacadas em negrito. Pelas Condições de Produção, as experiências médicas com judeus e relatos de abusos sexuais dos alemães continuam colaborando com a metáfora entre Revolução Cultural e totalitarismo.

Para Xinran, o que oferece segurança e conforto nas horas de recordações da Revolução Cultural durante as noites é tudo aquilo que a faz ver que não está mais no Quartel da Guarda Vermelha: bolsa, chaves, tíquetes de avião, ou qualquer coisa semelhante deixada ao lado da cama. “*... não durmo sem colocar minha bolsa, minhas chaves, tíquetes de avião, qualquer coisa assim, ao lado da cama. Faço isso para não entrar em pânico quando acordar no meio da noite – para lembrar que não estou mais lá e quem eu sou agora.*” As palavras em destaque provocam o efeito de sentido que remete ao sistema capitalista, o que leva ao não-dito de que é o capitalismo que a conforta ou a livra daquilo que ela teria sofrido no regime comunista.

Mesmo com um discurso capitalista, irrompe no final da resposta de Xinran novamente um discurso cultural: “*Procurei psicólogos, mas não funcionou. Acho que eles eram ocidentais demais para me entender*”, em que a ‘expressão ocidentais demais para me

entender' reforçam a ideia das diferenças culturais entre ocidente e oriente defendida pela escritora.

**E12 – VEJA – O que, por exemplo, eles não entendiam?**

XINRAN XUE – Bem, faz parte do tratamento você falar tudo. E isso eu ainda não consigo. Nem ao meu filho contei tudo o que aconteceu comigo durante a Revolução Cultural.

A pergunta da Veja faz irromper um discurso científico médico, pois os psicólogos, independente de serem ocidentais, teriam amparo científico para entendê-la. Ao que Xinran admite o fato do problema estar com ela, por não conseguir falar profundamente sobre sua vida: *“Nem ao meu filho contei tudo o que aconteceu comigo durante a Revolução Cultural”*.

**E13 – VEJA – Por quê?**

XINRAN XUE – Porque acho que, se eu contar, não terei mais condição de continuar vivendo.

**– VEJA – Seu irmão passou pela mesma experiência na infância. Como ele vive hoje?**

XINRAN XUE – Sinto que ele desistiu de tudo. Vive em Pequim, não tem confiança nele, não faz nada. Sei que sofre muito, embora não fale. Nunca mais o vi chorar desde aquele episódio do frango. (Ela relata a história em seu primeiro livro: o irmão tinha pouco mais de 2 anos quando, por ocasião de uma celebração nacional, serviram frango assado no quartel da Guarda Vermelha em que ambos viviam. Ao ver os outros comendo, o irmão começou a chorar, gritando que também queria. Alguém, furtivamente, deu-lhe um pedaço, mas um guarda viu a cena, arrancou a carne das suas mãos, atirou-a ao chão e pisoteou-a. Gritou: "Filhotes de cachorros imperialistas não comem frango!")

O E13 foi composto por duas perguntas e duas respostas. Respondendo ao primeiro questionamento do periódico, Xinran afirma que se contasse o que ela viveu durante a revolução cultural ela não teria condições de continuar a viver. Sugerindo um embate, a revista destaca que o irmão da escritora teve a mesma experiência que ela, e deseja saber como ele vive atualmente. Na segunda resposta, Xue se coloca num nível superior ao do irmão num discurso político militante, constatado nas expressões: *“sinto que ele desistiu de tudo”* e *“não faz nada”*, em que ela diz que seu irmão vive em Pequim e que apesar de sofrer é uma pessoa indiferente.

A Veja abre então um espaço no texto da resposta para escrever parte do livro de Xinran, em que ela menciona o referido irmão: *“ [Ela relata a história em seu primeiro livro: o irmão tinha pouco mais de 2 anos quando, por ocasião de uma celebração nacional, serviram frango assado no quartel da Guarda Vermelha em que ambos viviam. Ao ver os*

*outros comendo, o irmão começou a chorar, gritando que também queria. Alguém, furtivamente, deu-lhe um pedaço, mas um guarda viu a cena, arrancou a carne das suas mãos, atirou-a ao chão e pisoteou-a. Gritou: "Filhotes de cachorros imperialistas não comem frango!"]*, com o objetivo de enfatizar o discurso de totalitarismo através das humilhações vivenciadas durante a Revolução Cultural, constatadas nas expressões: ‘arrancou a carne’ ‘atirou-a ao chão’ e ‘Filhotes de cachorros imperialistas’, veiculando assim o seu discurso anticomunista.

**E14 – VEJA – Seus pais já leram seus livros?**

XINRAN XUE – Não. E minha mãe nunca perguntou o que aconteceu comigo durante esse período em que ficamos separadas. Não tem coragem, e eu também não tenho. Em 2004, sentamos uma diante da outra durante horas, mas não conseguimos falar sobre isso. Sei que esse silêncio se repete em muitas famílias. E é um dos motivos pelos quais muitos jovens chineses não sabem sequer o que foi a Revolução Cultural.

Ainda para suscitar o conceito de repressão durante a Revolução Cultural, a Veja mesmo sabendo que Xinran não consegue falar sobre seus traumas, porém escreve sobre eles, pergunta se os pais dela leram seus escritos.

Com um discurso político anti-revolucionário, Xinran fala do fato dos chineses se calarem acerca deste período, tanto na casa dela como em outras famílias. Esta expressão do ‘silêncio’ chinês evoca então o sentido de repressão: “*Sei que esse silêncio se repete em muitas famílias. E é um dos motivos pelos quais muitos jovens chineses não sabem sequer o que foi a Revolução Cultural*”. O não-dito da resposta é o discurso educacional, uma vez que Xue demonstra preocupação no fato dos jovens atuais não saberem a história da Revolução.

**E15 – VEJA – O regime comunista de Mao Tsé-tung teve efeitos devastadores na vida de muitas pessoas, como a senhora. E na China, que marcas ele deixou?**

XINRAN XUE – Acho que a China, hoje, é como um quadro de Picasso: tem nariz, olhos, boca, mas tudo está fora do lugar. Ficou isolada por tanto tempo e, agora, tudo está surgindo de uma vez. Talvez uma resposta melhor seja esta: antes dos anos 80, a China era um garoto sujo e esfomeado. Nunca teve a chance de tomar um banho quente, de vestir uma roupa limpa, de forrar o estômago. Se você oferece a esse menino, em uma mão, um pão duro e velho, e na outra mão, um cardápio com nomes de pratos desconhecidos e maravilhosos, qual dos dois ele vai preferir?

Na afirmação da Veja, “*O regime comunista de Mao Tsé-tung teve efeitos devastadores na vida de muitas pessoas*”, o dito é um discurso anti-revolucionário, mas pelo

fato da revista destacar o regime comunista de Mao Tsé-Tung, deixa o não-dito do discurso anticomunista especificamente; que também pode ser comprovado através do sentido evocado ao empregar a frase “*efeitos devastadores*” que é uma paráfrase discursiva de tragédia e desgraça. Reforçando seu discurso anticomunista, a revista pergunta :“*E na China, que marcas ele deixou?*”, em que a expressão ‘marcas’ evoca o efeito de sentido negativo de traços registrados, parafraseando o não-dito de cicatriz ou ferida, que teriam sido provocadas pelo comunismo.

Respondendo, a jornalista chinesa mobiliza mais uma vez um discurso cultural, mudando o foco da pergunta, e usando o exemplo de uma obra de cultura ocidental: “*Acho que a China, hoje, é como um quadro de Picasso: tem nariz, olhos, boca, mas tudo está fora do lugar*”, apontando para uma desorganização da política atual. A escritora também traz um discurso anti-político do governo atual, ao se referir à China de hoje, através da expressão em destaque ‘agora’: “*Ficou isolada por tanto tempo e, agora, tudo está surgindo de uma vez*”. As Condições de Produção mostram o crescimento econômico, estrutural e infraestrutural chinês, mas para a jornalista chinesa, o comunismo reflete um atraso nesse desenvolvimento, que agora surge de vez na China. Para Xue, os chineses, em extrema necessidade durante o governo Maoista, verificada na expressão “antes dos anos 80” e ‘garoto sujo e esfomeado’, não saberiam usufruir apropriadamente deste desenvolvimento na China, “*antes dos anos 80, a China era um garoto sujo e esfomeado. Nunca teve a chance de tomar um banho quente, de vestir uma roupa limpa, de forrar o estômago*”.

Irrompendo um discurso educacional ocidental e outra vez anti-revolucionário, em sua resposta Xue evoca o não-dito de que o regime comunista é totalitário e ultrapassado, através da expressão ‘pão duro e velho’ no seguinte trecho: “*Se você oferece a esse menino, em uma mão, um pão duro e velho, e na outra mão, um cardápio com nomes de pratos desconhecidos e maravilhosos, qual dos dois ele vai preferir?*”. Os ‘pratos desconhecidos e maravilhosos’ em oposição ao ‘pão velho e duro’ a que a jornalista se refere, interdiscursivamente evocam o efeito de sentido de educação e democracia ocidentais, coisas que seriam difíceis de serem escolhidas diante da ausência educacional, segundo Xue, e ainda reforçam o não-dito do conceito de Xinran de que o ocidente seria mais evoluído que o oriente, conforme analisamos no E3.

#### E16 – VEJA – O primeiro?

XINRAN XUE – Certamente. Ele está faminto! O cardápio pode ter comidas deliciosas, mas ele não entende o que está escrito lá e não consegue esperar para que aquele papel se transforme em comida. E não adianta alguém dizer



que ele tem de comer um prato do cardápio porque é melhor para ele. Antes de dizer isso, as pessoas têm de entender a urgência dos chineses.

No último questionamento, Veja, que de acordo com a Formação Discursiva jornalística não deve destacar o posicionamento que sustenta - o fato da necessidade da China ser econômica-, provoca então essa resposta da Xinran, que responde um sim para a escolha do menino sujo e faminto pela primeira opção oferecida, o pão velho e duro, analisado no E15. A escritora irrompe também um fator educacional ao usar a comparação do cardápio não compreendido ao ser usado pelo menino, “*O cardápio pode ter comidas deliciosas, mas ele não entende o que está escrito lá e não consegue esperar para que aquele papel se transforme em comida*”. O não-dito é que a China tem necessidades básicas e essenciais, que são culturais e educacionais no dizer da Xue: “*as pessoas têm de entender a urgência dos chineses*”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final do nosso trabalho, analisamos um total de 16 enunciados. Sendo que os dois primeiros foram relacionados apenas à Veja, enquanto os demais eram a entrevista de fato. Durante o diálogo existem pontos de cruzamento entre os discursos dos sujeitos envolvidos, e também pontos de divergência.

Numa visão geral, durante as análises encontramos na Veja os seguintes discursos: anticomunista, cultural, econômico, e democrático. No caso de Xue, ela reforça o discurso cultural e evoca também: anti-revolucionário, anticomunista, poético, social, anti-islâmico, feminista, capitalista, educacional, e político militante.

Podemos concluir, portanto, que a revista e Xue concordam que a Revolução Cultural Chinesa foi totalitária, ou seja, ambas apresentam um discurso anticomunista. Ambas também concordam que a democracia é algo que a China precisa, mas para a Veja isto seria emergencial, enquanto para Xue os chineses precisam de tempo. O veículo de comunicação e a escritora discordam quando apontam para as necessidades atuais mais urgentes da China. Para a revista, essas necessidades seriam econômicas, e para Xinran, os fatores culturais e educacionais é que seriam as prioridades, pois sem educação não se pode entender o que seria democracia.

A princípio, já em E1 constatamos o discurso anticomunista de Veja, reforçado no E2 em que a revista apresenta uma biografia da entrevistada e associa a Revolução Cultural ao totalitarismo, além de promover a escritora como alguém em quem as chinesas podiam confiar seus problemas, acionando o efeito de sentido de negativismo com relação à vida das mulheres chinesas.

No E3, Xinran usa o discurso cultural em resposta ao periódico acerca dos conflitos étnicos entre Hans e Uígures; e na ocasião a jornalista, com um discurso anti-islâmico, embasa sua explicação ao dizer que os Uígures, por sua vez islâmicos, teriam uma mente tribal. Xue cita o problema que envolve as etnias comparando-as com os orientais e ocidentais, pois para ela, assim como as raças em questão, o oriente está atrasado em relação ao ocidente por questões culturais. Percebemos que segundo a escritora, não adianta tentar impor uma filosofia ocidental sem considerar os fatores culturais existentes na China; e de acordo com o E5, mais à frente também reforçado em E8, Xue traz um discurso poético, mostrando que esta realidade chinesa só poderá ser diferente através da educação, pois mudar

a aparência do país ao modernizá-lo não significa mudar a mente das pessoas. Neste ponto, a escritora se posiciona contra o sistema político comunista atual, e se mostra favorável de que valores democráticos sejam impostos na China, porém respeitando a maneira do chinês conceber tal conceito.

Em E4 temos o início de um embate entre o periódico e a escritora, no qual Veja aciona discursos econômicos, enquanto Xue reforça o viés cultural e educacional. Para a revista, o ocidente não entende a China, mas para a entrevistada, o ocidente não entende o oriente. O embate se manterá em E5, porque o periódico não aceita a posição da escritora, que por sua vez passa a justificar que, apesar das peculiaridades, os problemas que existem na China também existem em outros países orientais.

Veja e Xue acionam o discurso democrático. Entretanto para a revista, a democracia é algo urgente para a China, mas para Xinran, os chineses precisam de tempo para assimilar tal conceito, conforme vimos em E6 e E7.

Durante nossa análise, embora tenhamos comprovado a existência de um embate acerca das temáticas mais focadas por Xue e Veja, constatamos que ambas assumem em alguns enunciados o mesmo discurso anticomunista com viés totalitário para a Revolução Cultural, conforme vimos em E9 e E11, onde a escritora e a revista enfatizam o lado negativo da revolução.

Percebemos que Veja continua a acionar efeitos de sentido que ligam o comunismo chinês ao totalitarismo, ao que Xue aborda mais uma vez o viés cultural e educacional acionando o efeito de sentido de que a China tem necessidades básicas e essenciais, que são urgentes, que pode ser observado em E15 e E16.

Vale salientar que a Veja destacou algumas frases da Xinran, dando eco à sua própria voz, através de recursos jornalísticos como: chamada, olho, e legenda de foto. Destas referências, a que mais se destaca é exatamente a descrição contida na foto da Xue situada no início da entrevista, retirada do E8: *"Os ocidentais cometem o mesmo erro do governo chinês: acham que é só modernizar as ruas para modernizar o país"*. Através das Condições de Produção sabemos que nesta frase também está inserido um discurso anti-esquerda por parte da revista. Pois o que não está dito neste enunciado, é como a fala de Xue se liga ao governo petista brasileiro, que era um partido nacional de esquerda do então presidente Lula. No período de 2009, quando a entrevista foi veiculada, Lula estava no poder, e em 2010 haveria eleições presidenciais. Nas propagandas de governo, muitas obras infraestruturais e econômicas foram usadas pelo PT para afirmar um conceito de modernização do país durante o governo petista. Portanto, ao destacar exatamente aquela frase da escritora, a revista evoca o

efeito de sentido de que assim como na China, não basta modernizar as ruas para que o Brasil seja moderno. A revista então reforça uma ideia negativa com relação ao PT. Veja, portanto, com este tipo de entrevista evoca o anticomunismo e o antiesquerdismo.

Ao ver os embates entre Veja e Xue e o posicionamento adotado por ambas, confirmo a hipótese de que o anticomunismo esteve no centro da entrevista e que tanto a revista como a entrevistada entendem que a democracia é uma necessidade da China. Mas para a escritora, os chineses não podem assimilar conceitos democráticos sem a educação adequada.

Compreendo também que o comunismo chinês atual é diferente do adotado outrora por Mao Tsé-Tung, que foi camarada para revolucionários e ditador para capitalistas e nacionalistas. Com um viés capitalista, o comunismo atual da China em minha opinião pode ser refletido através da obra de Picasso, usado por Xinran: um quadro admirável, mas desorganizado. Pois a China não é Pequim, a China é um todo. Com idosos, que viveram a Revolução Cultural e com jovens que talvez nunca tenham ouvido falar nela.

Desejo, portanto, ter contribuído para as discussões acerca da influência que o contexto histórico-social exerce quando falamos ou escrevemos, enfim quando discursamos. Assim como espero que este trabalho sirva como ferramenta para entendermos um pouco mais sobre a China moderna, respeitando suas raízes culturais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APONTE, Antônio. A economia dos países socialistas. Rio de Janeiro: Salvat editora do Brasil, S.A, 1979.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

DAUBIER, Jean. História da revolução cultural chinesa. Lisboa: Editorial Presença, 1974, Vol. 1.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. 4. ed. rev. e atual. - São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Moisés de. O funcionamento da heterogeneidade e a alteridade no discurso da Rede Globo: o Jornal Nacional. 2003. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

WITKE, Roxane. Madame Mao. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ZIZEK, Slavoj. Sobre a prática e a contradição/ Mao Tsé-Tung; apresentação por Slavoj Zizek; tradução, José Maurício Gradel. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2008.

<http://www.guardian.co.uk> – acessado em 24/11 às 19h00

<http://www.mothersbridge.org/> - acessado em 24/11 às 10h00

<http://www.grupoabril.com.br/institucional/historia.shtml> - acessado em 03/11 às 20h41

<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/veja.html> - acessado em 03/11 às 21h14

[http://veja.abril.com.br/140207/p\\_066.shtml](http://veja.abril.com.br/140207/p_066.shtml) acessado em 03/11 às 21h30

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> - acessado em 03/11 às 22h00

<http://super.abril.com.br/cultura/livro-vermelho-446016.shtml> - acessado em 15/11 às 15h57

# **ANEXOS**

## Entrevista XINRAN XUE

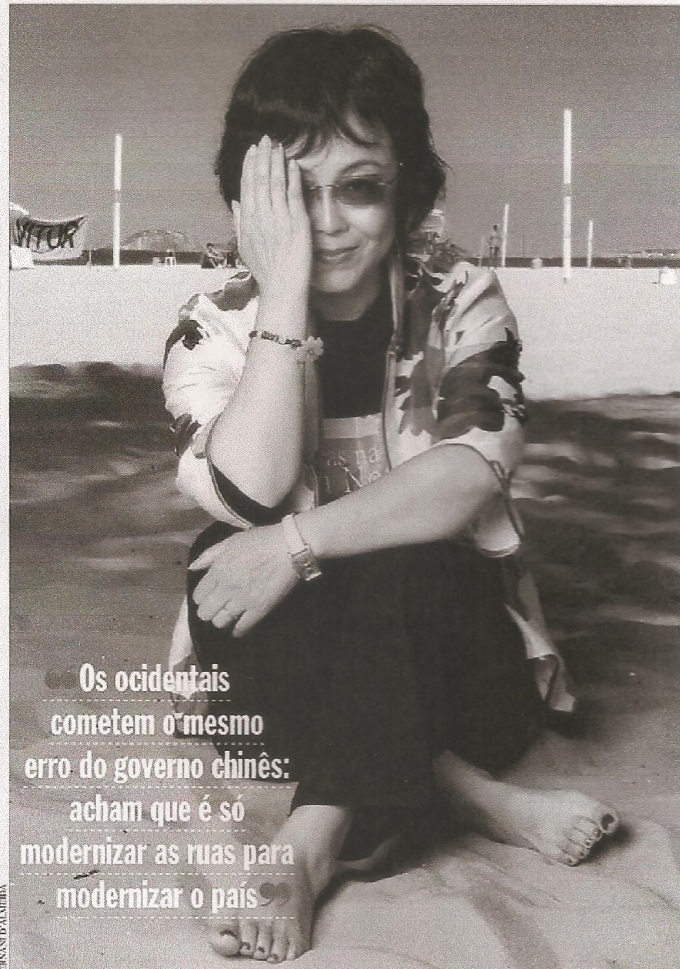
THAÍS OYAMA

# “Vocês não entendem a China”

A escritora que criou um programa de rádio para mostrar os problemas das mulheres chinesas diz que o mundo critica seu país sem levar em conta suas raízes culturais

Por quase uma década, Xinran Xue, hoje com 51 anos, recebeu mais de uma centena de cartas tristes por dia. Apresentadora de um programa de rádio voltado para mulheres, ela tornou-se depositária de ouvintes que lhe confiaram suas pequenas e grandes tragédias — abafadas, quando não provocadas, pelos anos de totalitarismo comunista. Algumas dessas experiências, Xinran havia sofrido na própria pele: seus pais foram presos durante a Revolução Cultural e ela passou a infância num quartel da Guarda Vermelha. Em 2002, publicou seu primeiro livro: *As Boas Mulheres da China* (lançado no Brasil pela editora Companhia das Letras), que reúne histórias que não puderam ir ao ar e outras que ela colheu em entrevistas — sempre feitas com uma túnica unha pintada de vermelho. “As chinesas não gostam de falar de sua vida. Mas são curiosas, e a unha vermelha sempre inicia uma conversa”, explica. De passagem pelo Brasil, Xinran falou a VEJA.

**Para escrever seu mais recente livro, *Testemunhas da China*, a senhora esteve diversas vezes na província de Xinjiang, onde quase 200 pessoas morreram nas últimas semanas em decorrência de conflitos étnicos. Como é a convivência entre os han (etnia majoritária na China) e os uigures (etnia majoritária em Xinjiang)?** Atualmente, há muitos casais han-uigur, como resultado da política de governo que estimulou a migração de chineses han para a região. Mas as duas etnias são culturalmente muito diferentes. Os uigures sentem-se mais identificados com os muçulmanos dos países vizinhos do que com o resto da China. Têm uma mentalidade tribal, enquanto os han estão mais conectados à família. Honestamente, nós não os entendemos muito bem. Acho que nunca tentamos. É um pouco parecido com a maneira como o Ocidente enxerga o Oriente.



Os ocidentais cometem o mesmo erro do governo chinês: acham que é só modernizar as ruas para modernizar o país